

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

SANDRA GOMES SUAID

DOCUMENTO
CATEGORIA: Recados
28/12/05
Batalha

**MULHERES E POLÍTICA:
aprendendo e fazendo a arte da política em Uberlândia
1940-1959**

2128(n)
S. 8

de Uberlândia

MG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Centro de Estudos e Pesquisa em História

Campus São João - Bloco 10 (Prédio Mineirão)
Av. Universitária S/Nº

Cepo 38400-902 - Uberlândia - M. G. Brasil

SANDRA GOMES SUAID

**MULHERES E POLÍTICA:
aprendendo e fazendo a arte da política em Uberlândia
1940-1959**

Monografia apresentada ao
Departamento de História da
Universidade Federal de
Uberlândia, sob orientação do
Professor Doutor Leandro José
Nunes.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	
Noções gerais do ingresso da mulher na política uberlandense	9
1. Mulher: sujeito passivo na história	9
2. Feminismo e a mulher como sujeito ativo na história	13
3. Obsessão pela denúncia e o início da participação política das mulheres	19
4. Mulheres no cenário político uberlandense	24
CAPÍTULO II	
Atuação militante de Olívia Calábria na política	36
1. O interesse de Olívia Calábria pela política	37
2. Partido Comunista Brasileiro e a adesão de Olívia Calábria	41
CAPÍTULO III	
A Organização Feminina de Uberlândia	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
ANEXO	72
FONTES	ver
BIBLIOGRAFIA	ver

AGRADECIMENTOS:

Renovo aqui meus sinceros agradecimentos às pessoas que me acompanharam neste estudo. São elas:

O professor Dr. Leandro José Nunes, que com sensibilidade e competência inegáveis, favoreceu-me com seus questionamentos e reflexões feitos e, em particular, com a objetividade de suas preciosas orientações.

O amigo Alencastro Carvalho que, durante as aulas, partilhou a sua experiência, paciência e seu conhecimento para que a obra tivesse objetivo de sucesso.

Aos queridos familiares, em especial a João Bruno que partilhou e colaborou com interlocuções valiosas, transmitindo-me confiança, profundo conhecimento da obra e proporcionando-me momentos de grande alegria. Aos meus filhos Kamilha Gomes Suaid e Salim Suaid Junior que aguardaram o fechamento deste trabalho.

Quero também reiterar o meu reconhecimento à colaboração de todos aqueles que, com serviços, incentivos ou expectativa, estiveram comigo.

INTRODUÇÃO:

Ao iniciar a pesquisa constatei como o tema sobre as mulheres dentro da militância seria instigante, pois foram as próprias transformações sociais ocorridas na sociedade brasileira que vieram a criar as condições mais gerais para a efetiva constituição da mulher como sujeito político.

Assim, numa força dobrada, as comunistas além de lutarem contra o capitalismo e as suas formas de expressão estatais anti-comunistas, envolvendo as mais variadas instituições, como o DEOSP-SP e a Igreja Católica lutavam, sobremaneira, contra a discriminação da mulher da esfera social.

Meu tema refere-se, pois, a mulher dentro da militância, e a que tipo de posicionamento dentro da militância as mulheres revolveram optar ora a luz do dia, mantendo o seu relacionamento doméstico por vezes, ora na clandestinidade do partido a que estavam vinculadas, a despropósito do silêncio das paredes domésticas.

Por conseguinte, trabalhar com o tema mulher dentro da política fora buscar a memória social do país, é tecer uma relação de poder que emerge para a reconstituição da trajetória de várias mulheres na busca das condições femininas onde a principal luta consistia na recusa de ser submissa ao que foi colocada a todas.

Dada a inexistência de um material específico, principalmente, documentos pessoais, pertencentes às organizações e associações de mulheres, procurei pesquisar nos jornais locais que circularam durante o período proposto. A leitura local se fez com a intenção de encontrar artigos que tematizassem as relações sociais de gênero. No que se refere à mulher, verifiquei como a imprensa retratou as organizações femininas na participação da vida política.

A participação da imprensa local foi fundamental para a pesquisa realizada e através desta podemos tecer análises dos discursos e perceber e estabelecer as redes de poder, sua influência na vida de homens e mulheres, e na construção dos códigos de conduta e moral. Depoimentos orais de mulheres que participaram ativamente da vida social, política e

econômica do município foram incorporados às fontes escritas. Em quase todo o corpo documental com o qual trabalhamos, a mulher não se expressa por si mesma. As falas masculinas sobre ela reforçam os estereótipos e a dualidade criada pelos valores morais, éticos e religiosos. Nessa perspectiva que entendemos ser a memória feminina é encoberta por um silêncio, uma vez que o mundo político e econômico foi sempre dominado pela figura masculina.

A historiografia, em muito me auxiliou, indicando por onde seguir nesse trabalho considerando as fontes de pesquisas disponíveis. Por outro lado, percebe-se com clareza que o caminho percorrido pelas mulheres, com relação à temática em questão, só foi possível pela abrangência com que se tem trabalhado o objeto, e, sobretudo pelo alargamento do conceito de História com a inclusão do objeto em análise.

É, sob a ótica dos acontecimentos vividos de experiências do local, que haveremos de localizar uma história na qual mulheres constroem o seu cotidiano e as práticas sociais que darão em fatos históricos¹.

O presente trabalho caracteriza-se, pois, como uma proposta que objetiva não somente a tirar do obscurantismo a História Regional e Local, mas, também articular a reconstituição na História Nacional, dados as contingências do processo de formação e desenvolvimento do município de Uberlândia.

Pretende-se, então, descrever e analisar a relação de uma mulher chamada Olívia Calábria dentro da política na cidade de Uberlândia, restaurando as suas trajetórias históricas, trazendo à tona elementos sociais e psicológicos, percebendo como se evidenciaram as representações femininas ao nível da militância, no discurso, nas greves, nas passeatas e no assistencialismo da Organização Feminina de Uberlândia aderindo, enfim, a emergência e a consolidação das práticas cotidianas das mulheres no mundo das significações.

¹ MURADO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982, pp. 205.

CAPÍTULO 1 – NOÇÕES GERAIS DO INGRESSO DA MULHER NA POLÍTICA UBERLANDENSE

1 – Mulher: sujeito passivo na história

Antes de analisarmos a mulher como sujeita ativa das transformações sociais e políticas no mundo, no Brasil e nesta comarca de Uberlândia temos a considerar previamente, moldando didaticamente o tema central, sobre qual contexto histórico, cultural, social e até ideológico as mulheres estavam inseridas nas mais remotas sociedades para os fins de analisarmos e, por que não, compreendermos, a forma, considerada passiva de atuação das mesmas em seu meio

Sempre subjugada fisicamente, reprimida mentalmente, dominada ideologicamente, a mulher, atuando de forma passiva – bom ressaltar que isto não quer dizer o mesmo que omissa – fora ao longo dos séculos rendida a um conjunto de normas e valores religiosos, éticos, morais e científicos que a modelou de acordo com os preceitos de cada época

O livro de Simone de Beauvoir², obra clássica onde uma geração leu este livro, faz observações fundamentais quanto à assertiva *in retro*: as mulheres não tinham história própria e não podiam, conseqüentemente, orgulharem-se de si próprias sendo que para isso a autora vem a percorrer, minuciosamente, o exame da condição feminina em todas as suas dimensões: a sexual, a psicológica, a social e a política. E propõe os caminhos que podem levar à libertação das mulheres e sobretudo, frisar que a emancipação das mulheres não é questão de felicidade, mas de liberdade. E é a própria autora quem afirma:

"O certo é que até aqui as possibilidades da mulher foram sufocadas e perdidas para a humanidade, já é tempo, em seu interesse e no de todos, de deixá-la enfim correr todos os riscos, tentar a sorte."³

² BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 92.

³ BEAUVOIR, Simone. *Op. Cit.* p. 94.

Dessarte, a autora irá demonstrar que desde criança os adultos persuadem que é por causa da superioridade dos meninos que se tem por motivo a maior exigência das meninas, e para as meninas essa diferença é para elas a diferenciação sexual mais impressionante. É um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade é um destino, porque fora aceito ao longo do tempo pelas sociedades e que, aliás, fora imposto por seus próprios educadores e pela sociedade.

Psicologicamente, assim, há na mulher um conflito entre sua existência autônoma e seu ser-outro; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto. Ela deveria, portanto, conforme as normas de condutas predominantes renunciar à sua autonomia sendo a sua vocação, por conseguinte, imperiosamente ditada. Ela compreende que não são as mulheres e sim os homens os senhores do mundo. Vai haver uma reviravolta na vida das meninas que vão virar adolescentes, a partir daí as coisas irão se definir ainda mais. Sua individualidade irá ser perdida, ela não é mais dona de suas vontades nem de seus corpos.

"O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser. E em relação ao casamento que se define a celibatária, sintam-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição."⁴

Por sua vez, os homens, criados a não gostarem de mulheres cultas, nem de mulheres que sabem o querem: ousadia demais, cultura, inteligência e caráter. Consoante, o casamento, instituto milenar, acompanhou outro instituto o da família e, por sua vez, o do patriarcalismo. Ensina o Direito Romano que a "a unidade da estrutura social constituía-se sob o regime do patriarcado"⁵ onde havia um chefe absoluto – o *pater familiae* – ao qual se submetiam, incondicionalmente, a mulher, os filhos, os servos e escravos encarnando, pois, os seguintes poderes: *manus* (sobre a esposa), *patria potestas* (sobre os filhos), *dominica*

⁴ BEAUVOIR, Simone. Op. Cit. p 165.

⁵ CASTRO, Adauto de Souza, CROCHÍQUIA, Edson. *ABC do Direito Romano*. São Paulo: Sugestões Literárias, 1969, p. 127.

potestas (sobre os escravos) e *mancipium* (sobre os filhos ou filhas de outro *pater familiae* e que lhe foram vendidos por este).

Continua, Castro e Crochíquia que o homem era, ao mesmo tempo, juiz, sumo sacerdote e chefe de família, com direito de vida e de morte sobre todos os membros da família. Por fim, a família romana, além de patriarcal era, ademais, agnástica, onde o parentesco legal existente entre os seus membros era unilateral, do lado paterno: não existiam parentes legalmente do lado materno.

O casamento, advindo dessas tradições, sempre possuía em seu bojo a incitação ao homem a um imperialismo caprichoso, a tentação de dominar é a mais universal, a mais irresistível que existe, entregar a mulher ao marido é cultivar a tirania, muitas vezes não basta ao esposo ser aprovado, admirado, aconselhar, guiar, ele ordena, representa o papel do soberano. O lar muitas vezes não a protege mais contra sua liberdade vazia, reencontra-se solitária, abandonada, um objeto; não sabe o que fazer de si mesma. A autora irá fazer uma minuciosa análise da mulher que se casa e a vida que irá levar junto ao marido. Suas reflexões são profundas quando faz análise do casamento.

Por conseguinte, a mulher era considerada como escrava da sua própria situação: ela não tem passado, não tem religião própria. Ou seja: a mulher não produziu, pelo menos como protagonista, nenhuma civilização. Sua linguagem só é aceita enquanto subordinada aos códigos de vida e comunicações estabelecidos pela sociedade vigente. E, pior, o mito do eterno feminino nada mais é do que as algemas em que a mulher é mantida em sua alienação.

Ademais, o mundo feminino opôs-se, por vezes, ao universo masculino, entretanto fora preciso sublinhar mais uma vez que as mulheres nunca constituíram uma sociedade autônoma e fechada, estão unidas somente enquanto semelhantes por uma solidariedade. Ainda sobre o texto da autora Simone de Beauvoir, as mulheres ignoram o que seja uma verdadeira ação, capaz de mudar a face do mundo, mas ainda perde-se no meio desse mundo como uma imensa e confusa nuvem.

Consoante, na Quarta parte de seu texto Simone B.⁶ irá fazer um levantamento somente sobre o caminho da libertação, a mulher independente onde, no capítulo "Destino" de seu famoso livro inclui este trecho:

"Reivindicar para a mulher todos os direitos, todas as chances do ser humano não significa absolutamente que devamos ficar cegos sobre sua situação singular. E para conhecê-la é preciso ultrapassar o materialismo histórico, que não vê no homem e na mulher mais do que duas entidades económicas."⁷

Doravante, tem-se que a evolução econômica da condição feminina fora modificando profundamente o posicionamento da mulher na sociedade provocando, com isso, até modificações na instituição do casamento a ponto de o transformar numa união livremente consentida por duas individualidade autônomas sendo, pois, as obrigações dos cônjuges, recíprocas e pessoais. A mulher, ao invés dos costumes patriarcais absorvidos da civilização romana, já não mais se achava confinada na sua função reprodutora; esta perdeu em grande parte seu caráter de servidão natural para apresentar-se em qualquer encargo, atualmente, de forma voluntária e espontânea.

Além do mais, do ponto de vista psicológico, a mulher como sujeito da sociedade vislumbrou, ao longo da história, o sentimento de frustração, onde em menina viu-se privada e, mais tarde, em sua sexualidade agressiva permaneceu insatisfeita. E o que é muito mais importante, as atividades viris lhe são proibidas. Ora, não é porque a mulher possui em sua natureza ser amorosa e mística que deve ser somente assim, pois, caso contrário aos homens, sempre viris, noutra esteira, se estaria vedado praticar o sentimento do amor.

Anteriormente, no entanto, ao analisar sobre a história das mulheres, Scott⁸, em referência a sua obra, definiu-as como portadoras de várias subdivisões interligadas, mas analisadas distintamente. Agora, a mulher pode, e teria, uma relação social fundada sobre os aspectos de mudanças na sociedade.

⁶ BEAUVOIR, Simone de. Op. Cit., p. 77.

⁷ Idem, Ibidem. pp. 79.

⁸ SCOTT, Joan. *História das mulheres*. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história: Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 41.

Para contestar os paradigmas da história, recomendaria-se, como já dissemos, a desconstrução como método que permitirá ao historiador verificar como a mulher é enquadrada dentro do seu contexto, onde são construídas hierarquicamente e dadas como reais. Assim, a construção das subjetividades podem ser vistas como resultante, não dos chamados aspectos naturais do ser humano, mas sim dos confrontos político-sociais, cuja significação dimensiona o relacionamento entre as pessoas.

Simone de Beauvoir, também, procurou demonstrar que a elaboração e manutenção do esquema os as mulheres participam da vida social e política, não se restringiria a um esquema conceitual que tomasse legível as experiências humanas de uma determinada sociedade mas, sim, em práticas discursivas encontradas nas mais variadas formas e instituições: da fábrica à família, passando pelas ciências sociais, política e literatura. Essas práticas discursivas forjaram verdades vivenciadas nas relações das mulheres que vieram a cristalizar identidades que poderiam ser benéficas do ponto de partida para a sociedade.

Assim, as mulheres romperam o seu estigma e passaram, com muito esforço, a serem vistas como sujeitos históricos dentro de uma história onde elas poderiam, e eram, personagens importantes.

Este passo deu-se ao se engajarem em organizações de esquerda ou mesmo lutarem para que fizessem parte da política, para serem vistas e ouvidas abrindo campo para a liberdade, trocando, paulatinamente, a paz pela luta, a segurança pelo questionamento. E isso não foi uma tarefa fácil e pacífica, porque, afinal, elas estavam mudando o que pensavam jamais poder ser mudado: a condição submissa da mulher em relação ao homem; uma das primordiais regras da civilização humana.

2 – Feminismo e a mulher como sujeito ativo na história

Talvez não exista outra questão tão fundamental ao surgir o movimento de libertação da mulher do que a consciência da sua submissão ao homem e, a partir daí, a necessidade que a mulher buscou no movimento feminista o seu espaço almejado na sociedade como um todo, antes jamais reivindicado, donde ressalta-se, as “protegidas”

esferas norteadoras das nações como, p. ex., os poderes executivo, legislativo e judiciário, em sua grande maioria adotados pelos países contemporâneos.

Com isso, mulher feminista começa a revelar alguns segmentos que se destacam neste processo de questionamento e problematizações: as minorias sociais e, principalmente, dentre estes segmentos discriminados, as mulheres, que cada vez mais, cientes desta situação, se organizam na defesa de seus direitos e no questionamento de sua sub-condição.

Judith M. Bardwick⁹, militante feminista, centraliza seu enfoque sobre a mulher, seus problemas, dúvidas e perplexidades, suas conquistas, realizações e perspectivas nesta sociedade onde a presença feminina finalmente passou a ter seu peso próprio, específico; onde a mulher, ao tomar consciência de si mesma, se transforma em parte da consciência coletiva do sistema.

Entretanto, as condições anteriores da mulher, na idade antiga, na média, no renascimento, na sociedade industrial, nos demonstram como e porque surgiram e se mantiveram as formas de repressão feminina. Observa-se, nesta análise, que o trabalho da mulher dentro do antigo modelo de família tradicional teve uma perda de importância, tanto para os membros da família, quanto para o Estado.

Com o desenvolvimento crescente do capitalismo, toda essa situação muda radicalmente, pois surgem as grandes fábricas que passam a produzir em grande quantidade todos os produtos que antes eram feitos pela mulher, no seio da família. Assim, a mulher para ajudar nas despesas da casa e sem condições de competir com o capitalismo, alia-se a ele, indo engrossar o seu corpo operário.

De conforme, mesmo numa sociedade altamente estratificada, como a brasileira, uma pequena elite de mulheres profissionais começa a coexistir com uma vasta massa de mulheres no nível mais baixo da vida econômica e social. O emprego de mulheres em atividades tradicionais ou não tradicionalmente femininas, não obstante, não significou

⁹ BARDWICK, Judith Marcia. *Mulher, sociedade, transição*: como o feminismo, a liberação sexual e a procura da auto-realização alteraram as nossas vidas. São Paulo: Difel, 1981.

necessariamente a emancipação das trabalhadoras. As mulheres ainda, continuaram a ocupar posições auxiliares numa sociedade de dominação masculina.

Continuando, a autora vai mostrando o quanto a mulher vai rompendo com a velha tradição, o feminismo se instala e as mulheres agora querem seus direitos e lutam pela igualdade entre os homens. A principal luta feminista consistia na recusa da divisão tradicional dos papéis sociais, bem como da visão que apontava a mulher como o "segundo sexo" ou o "sexo frágil". As feministas reivindicavam a condição de sujeito de seu próprio corpo, da sua sexualidade e de sua vida, buscando um espaço de atuação política.

A categoria gênero, utilizada com o objetivo de desconstruir os estereótipos culturais e de identificar os poderes que mediatizaram as relações entre os sexos constituiu-se, hoje, numa valiosa contribuição à "História das Mulheres". O gênero enquanto categoria de análise possibilita a rejeição do determinismo biológico e introduz uma dimensão relacional entre os sexos ao mesmo tempo que insiste no caráter social e cultural das diferenciações fundamentadas pela divisão sexual

Mas, é necessário avançar para além do gênero e historicizar as elaborações imaginárias e simbólicas, os lugares pré fixados no cotidiano das representações homem/mulher. As práticas devem se interpor entre as diferenças e identidades das agentes sociais num mundo com marcas difíceis de serem decodificadas, a não ser, que se tome como base a historicidade dos símbolos e das representações discursivas.

A base de um novo conhecimento que advenha de uma possível "História das Mulheres" está na interpretação de um mundo fragmentado, multifacetado em experiências, com tempos históricos, muitas vezes assimétricos e específicos. Trata-se de desvendar a vida cotidiana de homens e mulheres, as linhas percorridas por diferentes símbolos e ritos que, na grande maioria das vezes, se esquivam de conjuntos metódicos e sistemáticos postulados por arcabouços teóricos definidos nas diversas áreas do conhecimento.

Mas, para esta pensadora, a superficialidade, o amesquinamento das metas feministas, são ciladas que se abem ante o feminismo. Ceder ao impulso simplista de virar a mesa e inverter a correlação patriarcal de poder, passando a mulher de oprimida a

opressora. E para ela a mais grave das ciladas, a idéia de que só o masculino, características atribuídas ao homem, seria bom, válido, meritório e desejável.

Faz-se, portanto, um repensar do feminismo sob uma ótica menos preconceituosa. Ela divide seu livro falando: os efeitos da mudança, objetivos feministas e julgamentos sexistas, trabalho: a necessidade de desemprego, maternidade: da obrigação à escolha, o novo hedonismo, casamento: novas tradições, divórcio: a erosão do compromisso, atitudes de mulheres a respeito de mulheres, feminilidade e masculinidade: mudanças de percepções, rumo à grande revolução:

"O feminismo é uma rejeição explícita ao estilo de vida criado por normas extremamente coercitivas que restringem e definem o que a mulher é e o que ela pode fazer."¹⁰

Judith Márcia Bardwick, afunila no tema que o alcance do feminismo dera-se principalmente na classe média e, sobretudo, em pessoas com educação universitária, porque se conhece muito mais este grupo do que a classe trabalhadora e além disso para ela, esse grupo percebeu melhor as mudanças sociais e mostraram-se desejosas e até ansiosas de experimentá-las. Todavia, de alguma forma a autora faz menção em trabalhar com a classe média como se a classe média para baixo fosse incapaz de compreender o que é o ser feminista.

Não obstante, não se trata de colocar a questão feminista como ponto de partida desta pesquisa, mas colocar o dinamismo atual da sociedade como fruto de mulheres que despontaram ao seu tempo para afirmar que a mulher pode desempenhar seja ela onde estiver, seja em casa, no trabalho e na política um papel singular e importante nas transformações sociais agindo, pois, como um fator preponderante nas transformações sociais; ponto chave desta pesquisa.

De tal arte, acreditamos que Simone de Beauvoir, ao pontuar com críticas pertinentes os discursos das mulheres, pode valorizá-las nas novas formas de vivência. Para ela, a desconstrução daqueles discursos tornava-se irreversível e demonstrou que as desigualdades baseadas no sexo, cor ou raça eram construções culturais.

¹⁰ BARDWICK, Judith Marcia. Op. Cit. p.9.

Nestes termos, a intenção política da história da opressão feminina era criar uma identidade para as mulheres a partir do corpo teórico marxista. E, assim, o que unia as mulheres era a história de exploração e opressão pela ordem patriarcal e pela ordem capitalista.

Logo, a abordagem que permitia focar as relações sociais a partir de uma perspectiva político-cultural foi muito bem recebida pela história das mulheres. Era possível, então, resgatar a ação e a palavra das mulheres, que forneceriam provas não somente da opressão, mas das estratégias de luta e resistência para sobreviver aos sistemas opressores e também de vencê-los.

Consoante, Maria Lygia Q. de Moraes¹¹, na sua obra, ressalta a importância das contribuições teóricas de intelectuais do sexo feminino, realizadas por elas no contexto mundial sem se dissociar do papel contributivo à sociedade.

O acesso ao conhecimento, fruto de suas lutas e conquista nos últimos cinquenta anos, permitiu que as mulheres entrassem nos campos da ciência institucional, das universidades e academias, bem como desenvolvessem novas abordagens e problemáticas. Na vanguarda do marxismo, capaz de pensar a realidade contemporânea sem cair em esquematismos nem em positivismos, lançam novas luzes sobre o processo histórico do aparecimento do capitalismo.

Cita, Joan Scott,¹² que desde os finais do século passado, sinhás e mulheres de elite publicaram jornais femininos nos quais suas reivindicações concentraram-se, sobretudo, em dois pontos: a educação feminina e o direito de voto das mulheres. Desde os anos 20, algumas mulheres lutaram pela emancipação feminina, paralelamente às lutas de mulheres operárias, sobretudo as anarquistas. Temos aí a vertente do feminismo: a liberal e a libertadora.

Neste sentido, esta autora relata que esta história das mulheres apareceu como um campo definível principalmente nas últimas décadas. A emergência da história das

¹¹ MORAES, Maria Lygia *Quartim de. Marxismo e feminismo no Brasil* – (Primeira Versão – 66). IFCH/UNICAMP, 1996.

¹² SCOTT, Joan, *Op. Cit.*

mulheres como um campo de estudo envolve nesta interpretação uma evolução do feminismo para as mulheres, e daí o gênero. A maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, sujeitos da história.

Na ótica de Joan Scott, a prática discursiva é sempre uma prática de poder, pois tudo o que se torna objeto pelo conhecimento é sempre cultural, na medida em que está sempre mediado pela historicidade do próprio ato de conhecimento. Ela procura demonstrar que a elaboração e manutenção do esquema do mundo dos homens em contraposição ao mundo das mulheres, não se restringe a um esquema conceitual que torna legível as experiências humanas de uma determinada sociedade. Consiste, isto sim, em práticas discursivas encontradas nas mais variadas formas e instituições: da fábrica à família, passando pelas ciências sociais e literatura. Essas práticas discursivas forjam verdades vivenciadas nas relações que cristalizam identidades, hierarquizam as diferenças e naturalizam a mulher.

Portanto, ao analisar sobre a história das mulheres, Scott¹³, define-a como portadora de várias subdivisões interligadas, mas analisadas distintamente. A mulher pode ter uma relação social fundada sobre as diferenças percebidas entre os sexos.

É na vida política que a mulher mostra efetivamente a sua participação e atuação, tem voz para dizer o que pensa e o quer fazer, é revolucionária e ainda por cima pode mudar o rumo de sua própria história. Geralmente estas mulheres foram e são independentes psicologicamente e sabem o que querem. Homens e mulheres se juntam para lutar e buscar objetivos comuns, a mudança de uma sociedade que vivia sem liberdade.

Desmontado o tabu de que as mulheres não podem participar dentro do partido de esquerda iniciaram a sua militância.

Todavia, concomitante com a militância, estas mulheres que ainda viviam submetidas à família, aos maridos, a prostituição, a sociedade vigente, estavam se preparando de alguma forma para modificar ainda mais a sua situação.

Concluindo, a mudança na condição passiva da mulher não era somente uma rebeldia exalada contra a repressão histórica, a mulher queria mudanças, e para haver

¹³ SCOTT, Joan. Op. Cit., p. 49.

mudanças precisava participar da vida política do seu município e até do seu país e, foi assim, que algumas mulheres foram à luta e militaram da forma que puderam para uma mudança, mesmo que inicialmente pequena, ainda que fosse o primeiro passo para outras mulheres seguirem.

3 – Obsessão pela denúncia e o início da participação política das mulheres

Somando-se a essa luta, este movimento de vanguarda, outras formas de participação da mulher, sobretudo na forma dos movimentos por melhores condições de vida, ocupando espaço social e político deu-se a partir dos anos 30 e, isto, sem dúvida alguma, foi relevante para as mesmas entrarem em cena tomando-se visíveis na sociedade e na academia, na qual os estudos sobre a mulher se encontravam, até então, marginalizados, principalmente ao que se referia à documentação oficial.

Após a fase inicial da necessidade de tornar visíveis as mulheres, vinculada a uma certa obsessão pela denúncia, que teria caracterizado uma primeira geração de pesquisadoras, abre-se à possibilidade de se recobrar a experiência coletiva de homens e mulheres no passado em toda a sua complexidade, bem como, se procura um aprimoramento que permita recuperar os mecanismos das relações sociais entre as mulheres militantes nas contribuições de cada qual ao processo histórico.

Graças às pesquisas mais recentes, as mulheres não eram inativas ou que estiveram ausentes dos acontecimentos históricos. Ao contrário, o que houve foi uma omissão sistemática das mulheres nos registros oficiais, com bem observou Joan Scott¹⁴:

"A história do desenvolvimento da sociedade humana foi narrada quase sempre pelos homens e a identificação dos homens com a humanidade tem tido como resultado quase sempre, o desaparecimento das mulheres dos registros do passado".¹⁵

¹⁴ SCOTT, Joan. Op Cit, p 207.

¹⁵ Ibidem.

De fato, as mulheres estiveram implícitas no modelo patriarcal de família, ainda, de certa forma, predominante na maior parte de nossa sociedade. Nele, como já vimos, cabe ao homem/marido/pai a posição de chefia do grupo doméstico-familiar. Nessa qualidade, ele é o responsável pelo sustento da família e pela defesa dos seus interesses na esfera pública, o que outorga-lhe a autoridade maior sobre os demais membros do grupo. Já à mulher, na qualidade de esposa e mãe, cabe o papel de nutrir, ela torna-se responsável pelas atividades domésticas relativas ao bem-estar familiar e educação dos filhos. Seu domínio é o espaço doméstico, mas mesmo nele, sua autoridade é subordinada à do chefe.

Não custa, também, enfatizar que esse modelo se sustenta mesmo quando a mulher é incorporada à produção: ela jamais é dispensada de suas responsabilidades domésticas. Advém daí o fenômeno da “dupla jornada” de trabalho, impondo limitações de tempo na participação da mulher trabalhadora, principalmente a esposa e mãe, em atividades políticas. Isso torna-se ainda mais problemático quando se considera que o próprio papel do sexo feminino na reprodução da espécie, aliado às ideologias, tem criado necessidades práticas específicas para a mulher.

Vale explicitar que, quando as mulheres compreenderam ser parcela de um produto histórico, fruto de sua época, das relações de classe e etnia que vivenciam resulta no modo como a cultura e todo o universo simbólico, a vida social, as instituições, os costumes, enfim que a história fora o que constituiu, através do tempo, o papel que a mulher, esta passa a desempenhar, após incessantes lutas, o seu ativo papel no cotidiano.

Anteriormente, por exemplo, temos, com certeza, que se uma mulher optasse em ser comunista, na opinião de alguns, era como se aquela mulher tomasse um caminho tortuoso, um desvio, ainda mais se referisse a uma mulher que atuava na vida política, era considerada como prostituta, mulher degenerada e corrompedora. Não bastando isso, outro conceito também desviante de mulher é aplicado, a de mulher-macho, homossexual.

Ao construir o sujeito político feminino, a repressão, as organizações de esquerda e a sociedade em geral tentam desconstruí-lo como sujeito, apresentando a mulher militante como um sujeito desviante e não-político.

Mas, a história política das mulheres, sua constituição como sujeitos históricos, deve ser concebida no reconhecimento das diferenças e não na sua negação. No caso das mulheres militantes, no seu projeto de serem reconhecidas como sujeitos políticos.

A trajetória da construção do sujeito político feminino fora, assim, marcada por práticas sociais e projetos específicos da sociedade.

Logo, o reconhecimento das mulheres como sujeitos políticos encontrou barreiras na tentativa de desconstrução porque rompia com os padrões estabelecidos pela família e pela sociedade, que determinou códigos masculinos de participação pública e política.

Para falar sobre o tema das mulheres dentro da militância, deve-se lembrar que este lado faz paralelos com o mundo masculino. Estas mulheres apareceram, pois, como agentes históricos, sobretudo como sujeitos históricos, onde contam suas biografias próprias em construção. Fazem escolhas e assumem as conseqüências.

Os lugares comuns das cenas políticas, dos tratados, foram importantes como sujeitos históricos. Isso até o momento em que a emergência de novos conflitos no interior da sociedade¹⁶ fez com que os historiadores pudessem descer ao cotidiano das mulheres para recuperar as mensagens que elas próprias passavam¹⁷. Suas experiências e fé foram devassadas para se encontrar respostas aos movimentos que as mulheres iam ganhando nos espaços públicos e políticos.

É, pois, neste contexto, que a historiografia tem privilegiado novos personagens¹⁸, e toda uma literatura surge em tomo destes. A “História da Mulher” aparece nesse conjunto, impulsionada num primeiro momento, e logo a seguir, pela própria atitude que a mulher assume diante do mundo: participativa e contestatária.

Nessa perspectiva, tem se orientado a produção historiográfica sobre o assunto. Captar para além das relações cotidianas, assim, como redimensionar uma História na qual a presença feminina é efetiva e foi sem dúvida alguma importante a participação política do município.

¹⁶ CARDOSO, Irene. *Os tempos dramáticos da mulher brasileira*. São Paulo: Global, 1981 p. 63.

¹⁷ DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 64.

¹⁸ MILES, Rosalind. *A história do mundo pela mulher*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1988, p. 341.

Uma produção literária crescente, sobre uma “História das Mulheres”¹⁹, tem nos mostrado uma participação ativa do sexo feminino nas mais diferenciadas esferas da política, do social, formas de resistências e exercícios de poder em diversos países do mundo e no Brasil.

A pesquisa vem, portanto, como análise do resgate de mulheres que, através de seus projetos, pôde afirmar com suas vozes femininas a sua vitória na participação política do município nacional e municipal onde a participação das mesmas evidencia-se como uma contribuição fundamental para a luta cotidiana sendo a sua presença cada vez mais constante como voz ativa nas decisões legislativas, executivas e judiciárias locais.

Doravante, a escolha do tema remeteu-me, portanto, as entrevistas com algumas mulheres que participaram da política em Uberlândia e o que remeteram estas mulheres a dividir suas vidas cotidianas dentro da política.

Quando a memória vem à tona, descritas por estas mulheres que fizeram parte da política, o fantasma do medo, das angústias, das ansiedades vividas e principalmente da luta²⁰ é de deixar saudades em cada uma delas.

Nos arquivos encontrados e na memória das pessoas que tentei recriar mostra uma História que, a despeito de uma historiografia que privilegia os seus líderes, evidencia a presença feminina e sua participação na vida política e econômica do município.

Que influência as mulheres militantes exerceram nas decisões políticas de seus maridos? De que modo as mulheres participaram da política do município? Quais foram os anseios e desejos de inúmeras mulheres uberlandenses? São questões que me levaram a penetrar em mundos, que só a história Oral pode revelar.

A bibliografia geral sobre a temática, tem nos mostrado a mulher como produtora de uma saber, ou como agente de sua vontade, empreendendo campanhas pelo direito ao sufrágio feminino, contra a carestia de vida, pelo aborto e profissionalização.

¹⁹ BEAUVOIR, Simone de. Op. Cit...

²⁰ HALLINER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas. 1850/1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981 p. 140.

Buscar, no silêncio, “o fazer” dessas mulheres é reconstituir uma história de gestos, murmúrios e pequenas confissões. É refazer a trajetória de vida na relação que Olívia Calábria teve com a política local.

Nos anos 30 e 40 recuperamos a atuação de militantes, da primeira mulher eleita em Uberlândia e mostrar a atuação de várias mulheres que a serviço das reivindicações de milhares de outras mulheres conseguiram buscar um ideal de vida: a política.

A sociedade uberlandense via surgir, nos artigos publicados pela imprensa a participação e ao mesmo tempo a discriminação da mulher dentro da sociedade.

Este primeiro capítulo propôs, assim, a mostrar como as mulheres participaram da política na cidade de Uberlândia desde sua saída do lar até aos partidos políticos, o que buscavam, suas lutas e ansiedades.

Quer como trabalhadoras rurais ou urbanas, como chefes de famílias, quer com editoras de jornais e revistas femininas ou organizadas em movimentos políticos ou de luta pela igualdade na cidadania, o que pretende essa nova vertente na historiografia atual, é resgatar os lugares sociais da mulher na complexa teia política das relações da sociedade brasileira.

A história das mulheres tem se afirmado como uma fonte inesgotável para o estudo das relações humanas. No que se refere aos aspectos afetivos do dia-a-dia, como a intimidade e os sentimentos, os estudos atuais nos possibilitam uma visão menos estereotipada das mulheres, e ao mesmo tempo abrem brechas no conhecimento que temos sobre a participação das mulheres na política possibilitando uma história mundial sobre as múltiplas possibilidades de experiências femininas, funções e papéis, que ainda estão por serem investigados.

Em que as mudanças político-administrativas no Brasil afetaram a vida das mulheres? De que forma as mulheres conseguiram entrar no mundo político e ali se fixarem em papéis importantes? Em que medida podemos perceber os choques produzidos entre a imagem construída pela sociedade às mulheres e aquelas que vão ingressar no mundo político, antes vividos apenas por homens? Que mundo político era esse?

A nosso ver, essas e inúmeras outras questões são pertinentes e, ao mesmo tempo, extremamente estimulantes para que possamos compreender o mundo que as mulheres foram ingressar: o político.

4 – Mulheres no cenário político uberlandense

Este tópico faz um levantamento sobre a inserção da mulher na política uberlandense ora, na participação política institucional, ora, na participação da vida pública.

No início o lar, a maternidade e o magistério eram o lócus, por excelência, de seu domínio. Nos anos 30 e 40 em Uberlândia, a participação política da mulher foi quase restrita ao lar e a maternidade. A imagem da mulher idealizada pela sociedade uberlandense, de uma mulher recatada e do bem, invadia os lares da cidade. Valores, normas e regras sociais diferenciadas para as mulheres procuravam cristalizar sobrepondo o papel de genitora e nada mais. O mundo feminino se resumia ao da casa e das tarefas domésticas. O trabalho rotineiro, os desejos, a dor e o sofrimento, via de regra, caracterizavam esse universo.

Nomes de professoras, de esposas de antigos coronéis, tiveram com frequência, espaços garantidos nos periódicos locais que procuravam evidenciar suas virtudes, enquanto profissionais no magistério ou na prática da caridade. Não podemos deixar de falar que, contudo, havia uma discussão nacional e até mundial sobre a participação da mulher na atividade política, ainda que pequena.

Neste artigo a Escola Profissional, colocava-se como moralizadora de costumes e empenhava-se numa missão salvacionista de mulheres indefesas. Silenciada por décadas, a participação feminina ficara no esquecimento e em Uberlândia através de um artigo o autor resgatava a ativa participação da mulher uberlandense:

“Essas senhoras, há 24 anos mais ou menos, nas grandes lutas cívicas em que Uberlândia se empenhava para ter hoje uma agremiação digna de todos os ecomios, capaz de sustentar o nosso progresso material e moral, foram com outras cujos nomes nos faltam no momento, verdadeiros baluartes, acompanhando em tudo os seus maridos, mortificando-se, muitas noites e noites, pelos quartéis onde se acomodavam centenas de

eleitores. Essas senhoras, foram por assim dizer, as obreiras que cimentaram a organização política da nossa terra, e hoje, que a mulher brasileira se emancipa, a veneração justa que deve ter, ao avaliarmos o martírio que passaram com trabalhos quadruplicados pela causa pública”²¹

Não só em Uberlândia, mas no Brasil como um todo, homens e mulheres se engajavam na luta pela emancipação política feminina. Enquanto isso, porém, o debate tomava-se caloroso na imprensa de Uberlândia onde eram levantadas várias análises diversas interessantes e humorísticas sobre o assunto:

“São eles que sugerem à mulher a sua emancipação social, como Blasco Ibañes, são eles que as defendem, como Honoré de Balzac, que teve uma palavra de consolo e de compreensão a cada filha de Eva. Balzac, talvez chefiasse essa corrente feminina, cujo incremento, se adianta, agora, com Getúlio Vargas e Baptista Luzardo, mais dois adeptos da independência feminina”²²

O autor do artigo omitia ou desconhecia uma luta desencadeada em várias partes do mundo, sob a liderança de mulheres que, em busca da cidadania, lutavam por sua emancipação política.

Em Uberlândia a atuação da mulher só poderia ser feita dentro da relação família-sociedade. Vejamos como era retratada a mulher uberlandense num artigo da época.

“Para acabarmos com as delinqüências femininas, que inadaptadas para a própria defesa, para salvaguarda dos sadios princípios da moral, a solução indicada liga-se à obra cultural dando à mulher uma compreensão do seu grande mister na vida... pelo trabalho honroso e dignificante é elemento a menos, furtado dos lupanares e mantido inviolável no seio da sociedade.”²³

Duas mulheres foram candidatas às assembleias estaduais do Rio Grande do Sul e de São Paulo, destacando-se o nome de Carlota Pereira de Queiroz. Em 1936 foram registrados assim:

²¹ Senhora políticas. *A Tribuna*, 09/04/1933, nr. 679.

²² O cronista da mulher. *A Tribuna*, 22/03/1931, nr. 541.

²³ A escola profissional e a mulher. *O Estado de Goyaz*, 27/07/1936 nr. 676.

“Não se pode, todavia, deixar de reconhecer, que a velha mentalidade, tão hostil em pressupor a sua competência para os cargos administrativos e políticos, começou desde 1930 a capitular diante dessas provas evidentes que a capacidade feminina revela onde quer que as forças opressoras e os pretextos diversos lhe dessem ensejo de manifestar”.²⁴

Enquanto havia discussões sobre o assunto, em Minas Gerais, as candidatas apareciam para a vida política: Rosaline Ribeiro Leite à Prefeitura de Juiz de Fora, pelo Partido Republicano Mineiro, e, à de Belo Horizonte apareciam os nomes de Berenice Martins Prates, pelo Partido Republicano e de Clarice Alvarenga pelo PRM. Uma nota fala sobre o assunto:

“Registre-se, pois, que o feminismo vai marchando também em Minas Gerais, onde se supunha que as mulheres só se preocupavam com o pão-de-ló no forno e com as cuecas dos maridos”.²⁵

Em Uberlândia, no ano de 1936 a política local se preparava para a escolha do próximo prefeito municipal. Fundava-se na cidade um novo partido: o Partido Popular. Para o “Jornal Diário de Uberlândia” era importante a opinião feminina face à sua participação em vários setores da cidade Uberlândia. O referido Jornal sentia vibrar o mesmo entusiasmo entre homens e mulheres por uma causa comum: a grandeza de Uberlândia.

“...esta nossa cidade sentindo o bafejo da actividade feminina que, galgando a vanguarda colocando-se em posição de saliência, ahi está contribuindo com a sua cultura, com a sua bondade e com o seu patriotismo decidido, para o soerguimento moral e material de sua terra, num momento em que os destinos de Uberlândia, em jogo, reclamam pelo civismo de seus filhos.”²⁶

Lycídio Paes partia da desconstrução das diversas matrizes discursivas, que se mostraram implacáveis contra as mulheres, ao longo dos séculos. Uma revisão dos papéis sociais e sexuais que durante milênios, cunhou uma separação nítida entre homens e mulheres.

²⁴ PAES, Lycídio. Uma deputada gaúcha. *A Tribuna*, 24/07/1934, no 914.

²⁵ O feminismo em marcha. *Diário de Uberlândia*, 27/05/1936, no 53.

²⁶ O momento político. *Diário de Uberlândia*, 07/07/1936, no 15.

Entretanto, raras foram as ocasiões em que os periódicos uberlandeses lembraram-se de colher opiniões femininas a respeito da política. Contudo, em uma reportagem, o Jornal "Diário de Uberlândia" presenteou seus eleitores com três entrevistas cedidas por figuras de destaque da nossa sociedade: Olívia Guimarães Freitas e Blanda do Egypto.

A primeiro entrevistada, Olívia Guimarães Freitas, esposa do Cel. Marcos de Freitas, tivera uma participação ativa na participação da vida pública local e era lembrada pela reportagem, em trechos de sua entrevista:

“A benemérita matrona cujo coração bondoso jamais negou auxílio aos necessitados, jamais esqueceu a sua contribuição para a grandeza de Uberlândia”.²⁷

Olívia revelou a sua participação nos momentos dramáticos da política local, sobretudo, durante a campanha da Aliança Liberal. Naquele momento, ela e o marido apoiaram a candidatura de Vasco Giffoni à Prefeitura Municipal. Teceu elogios à sua administração anterior e mostrou segurança e entendimento sobre os meandros da política local. Enfatizou que mantinha relações de amizade e respeito com os adversários, e arriscou a dizer que o seu candidato a prefeito seria o vencedor, o que acabou se confirmando.

Blanda do Egypto, a segunda entrevistada, foi descrita pela reportagem como apaixonada pelos esportes e mesmo antes do voto ser franqueado às mulheres, ela já mostrava a preferência pelo Partido Republicano Mineiro, localmente chamado de Coió. Nas últimas eleições, através de sua militância política, Blanda havia exercido decidida influência sobre os núcleos femininos da cidade, conforme noticiava o Jornal. Sua opinião era a de que o candidato Vasco Giffoni, obteria 90% dos votos.

As entrevistadas acertaram os seus palpites. Vasco Giffoni fora eleito prefeito municipal ficando no cargo de 1936 a 1943. Resta, porém, perguntarmos se a mulher uberlandense realmente exerceu influência na política local ou se foi simplesmente usada, uma vez que, com raríssimas exceções, ela fora inquirida sobre os destinos do município.

A partir de meados da década de 40 encontraremos o início de um engajamento político, mas nada como participação institucional em cargos eletivos ou partidários, e sim

²⁷ O momento político. *Diário de Uberlândia*, 07/07/1936, III, 15.

em agremiações partidárias que, ora nasciam em todo o país. Coincidia com o término da II Guerra Mundial e com o processo de redemocratização da sociedade brasileira.

Na esfera política também imperou um discurso inflamado contra a participação feminina tanto em cargos eletivos como em cargos partidários. Esse discurso imperou por vários anos mas aos poucos foi sendo “quebrado” e as mulheres começaram a ter participação em cargos partidários.

Em 1947, Elsa Nardi dos Santos, candidatou-se pelo Partido Republicano e obteve nove votos. No Boletim de candidatos a vereadores pela sigla do Partido Trabalhista Brasileiro, em 1950, figurava o nome de Maria Helena Sábia. Nesse mesmo pleito concorria pelo Partido Republicano, Irma Gouvea que obteve quarenta e oito votos, embora em um abaixo-assinado de adesão à sua candidatura contasse cento e treze assinaturas.

Uma cidade como Uberlândia onde a política era um substantivo masculino, tornou-se um avanço na política local, ver estampados em um boletim nomes de mulheres. Em 1954, Maria Dirce Ribeiro fora eleita pelo Partido Progressista.

Nos partidos políticos, a participação feminina fora mais efetiva e foi, justamente nos quadros do Partido Comunista Brasileiro, que encontramos uma atuação mais dinâmica da mulher uberlandense, embora outros partidos tivessem, em menor escala, a presença feminina.

Quando da instalação da sede do Partido Comunista Brasileiro em Uberlândia, ocorrida no dia 12 de agosto de 1945, a senhorita Aparecida Cardoso pronunciou um eloqüente discurso que foi transcrito na imprensa local. Ao iniciá-lo, Aparecida chamava as mulheres brasileiras a participarem da reorganização social do mundo:

“Nós como espôsas e mães, filhas e irmãs, parcelas vivas da humanidade, não podemos permanecer inativas, quando todas as classes e raças se arregimentam para melhores dias.”²⁸

²⁸ *O Estado de Goiás*, 22/08/1945, no 1094.

Assim, com a demonstração da história exibia-se a sub-condição feminina, a discriminação sofrida pela mulher durante séculos e a subserviência a que esteve submetida, usando as imagens criadas sobre a mulher na sua trajetória de vida.

Outros partidos políticos também contaram, em seus quadros, com a participação feminina. Na União da Mocidade Democrática, ala da União Democrática Nacional, criada em 1946, ocupando a vice-presidência estava Maria A. de Castro, enquanto os cargos de Segunda secretária e segunda tesoureira, eram preenchidos por Thaís Masini e Zilmar de Freitas. A comissão executiva da referida União fora entregue a Laís Masini.

O partido de Representação Popular – PRP – fundado em Uberlândia, em 1946, também teve uma expressiva atuação feminina, através do Departamento Feminino que durou até 1965, quando o partido foi extinto. À frente desse Departamento estavam: Adelina Bernardes, Ana Lomônaco e Maria Oranides Crosara.

Em todo o período de atuação do PRP, não houve nenhuma indicação para um nome feminino concorrer a um cargo eletivo. Acreditavam as mulheres militantes que naquela época uma mulher não teria chances de concorrer, uma vez que a política local era predominantemente exercida pelos homens.

A participação política da mulher uberlandense ficou, portanto, restrita, embora isso tenha ocorrido, também, a nível nacional:

“Entre 1945 e 1964, período em que a experiência democrática no Brasil é vivida com razoável intensidade, a atuação política das mulheres, enquanto tal, não teve grande expressão.”²⁹

Momentos dramáticos fizeram parte da história política da mulher uberlandense. O primeiro se deu em agosto de 1949, quando um aparato policial e bélico, reunindo três delegados da polícia e vinte soldados armados de fuzis e metralhadoras, impediram uma reunião de mulheres cuja pauta constava um apelo às autoridades locais no sentido de conseguir o barateamento do custo de vida.

²⁹ TABAK, F., TOSCANO, M. *Mulher e Política*. Rio de Janeiro. Paz e Terra 1982, p. 25.

Em face da proibição policial, a reunião foi suspensa, embora o largo do Paço Municipal tenha sido tomado por soldados o que motivou o seguinte comentário da imprensa:

“O povo de Uberlândia, sempre pacífico, sempre ordeiro, assistiu surpreso a todas essas medidas policiais e fez o seu juízo: uma exibição de força desnecessária.”³⁰

Esse fato alcançou repercussão no Legislativo Municipal, quando, em sessão da Câmara de 11 de agosto de 1949, Moacir Lopes de Carvalho, solicitava a aprovação da Indicação nr. 86, de sua autoria, que endereçava aplausos ao delegado de polícia pela sua ação enérgica na repressão ao comunismo e à manifestação que envolvia mulheres e donas-de-casas.

Os vereadores eleitos pelo Partido Comunista Brasileiro, Roberto Margonari, Virgílio Mineiro, Henckmar Borges e Enoque Caldeira de Paiva se opuseram à indicação:

“Por verem nela um incentivo à ação do Sr. Delegado de Polícia contra os comunistas, supostos comunistas e simpatizantes.”³¹

O clima da sessão foi bastante tumultuado, com a participação dos vereadores comunistas e do Sr. Moacir Lopes de Carvalho. No dia seguinte, em regime de votação, a moção foi rejeitada.

Embora tenha sido possível rastrear a participação da mulher uberlandense nos noticiários locais, essa, entretanto, ficou restrita às poucas notícias veiculadas pela imprensa que só pontuou os momentos mais dramáticos ou os de efetiva atuação do sexo feminino. Fora desses momentos, como teria sido o desempenho das mulheres?

Em outras ocasiões, como a que antecedeu o término da II Guerra Mundial, a imprensa revelava a atuação da mulher uberlandense, mas de forma pouco clara, sem explicitar e nem determinar fatos ou nomes:

³⁰ Grande aparato policial e bélico para impedir reuniões pacíficas. *Correio de Uberlândia*, 07/08/1949, no 2710.

³¹ *Agitação comunista*, *Correio de Uberlândia*, 06/02/1951, no 3088.

“O elemento feminino tem uma grande tradição de lutas cívicas e sem preparo participou, com eficiência, do progresso local”³²

Os anos 50 abriram-se para a mulher uberlandense como uma continuação das lutas anteriores, sobretudo pela perspectiva de uma atuação mais efetiva na vida pública.

Em fevereiro de 1951, por ocasião da posse do Prefeito Tubal Vilela da Silva, um pequeno grupo de mulheres reunidas na Praça da Câmara Municipal de Uberlândia, portavam faixas com reivindicações dos bairros da cidade. O Delegado Especial de Polícia solicitou às mulheres que enrolassem as faixas, mas não foi atendido. Tal fato redundou em barulho e na dispersão das manifestantes pela polícia.

O mês de julho de 1951 aqueceu a política local, com o impedimento pela polícia da realização do Congresso Feminino de Uberlândia. Este tinha como objetivo discutir medidas práticas contra a carestia e a ameaça de guerra. Visava ainda, propor encaminhamentos para enfrentar os problemas que martirizavam profundamente mães e as donas-de-casas. Para impedir o evento, a polícia montou um patrulhamento nas principais ruas da cidade e a chegada de um contingente armado de fuzis e metralhadoras, agravando ainda mais a situação. O confronto entre os participantes do Congresso e a polícia foi inevitável. Pessoas ficaram feridas, algumas gravemente, sendo efetivadas inúmeras prisões.

Os incidentes políticos, ocorridos nos meses de fevereiro e julho de 1951, revelaram uma firme participação da mulher uberlandense que, acreditamos ter sido decisiva para a eleição, em 1954, da primeira vereadora à edilidade municipal, Maria Dirce Ribeiro.

Essa presença mais atuante no cenário político do município, esteve inserida em um contexto maior, a nível nacional, que era da redemocratização do país, iniciada na segunda metade da década de 40. Outro fator, que também contribuiu em muito para garantir essa presença, foi a participação decisiva da mulher na II Guerra Mundial, em todas as frentes de batalhas. Todas essas realizações foram amplamente divulgadas na imprensa local, ao mesmo tempo em que se tornava pública a inserção da mulher em inúmeros governos de todo o mundo.

³² *O Estado de Goyaz*, 10/06/1945, no 1072.

Sob o título: "A Presença Feminina no Governo", o Jornal Correio de Uberlândia de 18/03/1953, nr. 3625, trouxe alguns dados sobre a participação da mulher em postos de direção em várias nações do mundo, o que ficava evidente a pequena atuação da mulher brasileira. No Brasil havia somente uma representante na Câmara dos Deputados. Vejamos como o discurso abaixo, afirmava a imagem da mulher e seus padrões que deveriam ser seguidos naquela época:

"A mulher contemporânea devia compenetrar-se melhor de sua destinação , que é o lar. O lar é o santuário da mulher. O culto doméstico, no altar dos sagrados deveres da maternidade e da família, se engrandecerá sempre... quanto mais se afastar desses sagrados deveres, dos deveres da mulher no lar, mais será incompreendida, pelo desajustamento de suas funções e pelo afastamento da meta a que se destina principalmente."³³

A manutenção deste discurso veio afirmar o quão penoso foi para o homem perceber que a mulher poderia assumir papéis diferenciados daqueles prescritos para ela. Daí a necessidade eloqüente de reforçar a função do lar e da maternidade como a responsável pelo equilíbrio familiar e pela ordem social.

Em fevereiro de 1954 anunciava-se mais uma conquista política da mulher brasileira: uma portaria do Ministério das Relações Exteriores abria, para ambos os sexos, concurso para a carreira diplomática, antes prerrogativa apenas do sexo masculino. Nesse mesmo ano, em Joanésia, interior de Minas Gerais três mulheres foram eleitas para o Diretório do Partido Democrático Cristão: as senhoras Durvalina P. Drumond, Maria José D. Duarte e a Dra. Gabriela R. de Moraes. O Jornal Correio de Uberlândia assim se reportou ao fato:

"Como se vê o feminismo ganha terreno até em Minas onde as mulheres são pouco dispostas a sair do âmbito doméstico."³⁴

Foram bastante concorridas as eleições de 1954. Arranjos e coligações movimentaram os bastidores da política local. Três candidatos disputavam a prefeitura:

³³ CÉSAR, Clovis. A mulher. *Correio de Uberlândia*, 11/04/1959, no 3640.

³⁴ A mulher na política. *Correio de Uberlândia*, 10/06/1954, no 3946.

Afrânio Rodrigues da Cunha, apoiado pela UDN, PSP, PTB, e PRP; Vasco Giffoni, ex-prefeito, por quase dez anos, lançara-se pelo PSD com o apoio dos comunistas e, o sindicalista Lázaro Chaves, pelo Partido Social Trabalhista (PST) uma dissidência do PTB.

Venceu a coligação que apoiou Afrânio Rodrigues da Cunha e com ele a vereadora pelo Partido Social Progressista (PSP) Maria Dirce Ribeiro. Sua candidatura local, surgiu entre os próprios funcionários da Prefeitura, principalmente entre os lixeiros e varredores de ruas, com os quais trabalhava diretamente, uma vez que era funcionária municipal.

Lançou-se em campanha, durante as comemorações do primeiro de maio de 1954, quando discursou para centenas de trabalhadores. Em seu pronunciamento, mostrou a necessidade de se escolher bem os candidatos, assim como a responsabilidade que o voto implicava:

“... o voto daquele que luta e sofre anonimamente não tem preço, pois ele é o único direito que o pobre tem”.³⁵

Em seu discurso historiou as condições de trabalho no Brasil, lembrando a escravidão e as atuais aflições a que se sujeitava a classe proletária. Deu ênfase ao progresso da civilização humana, que só se fez com o labor incansável de milhões de trabalhadores anônimos:

“Vocês meus amigos, são generais sem medalhas e suas esposas heroínas esquecidas que não têm o nome nas ruas ou nas praças da cidade... Trabalhadores venho lhes trazer em nome da mulher social-progressista, o mais profundo agradecimento pela honra da presença a esta festa toda ela amizade e carinho”.³⁶

Com o findar de seu mandato, Maria Dirce Ribeiro, deixava, definitivamente a vida política, dedicando-se apenas ao trabalho como secretária na Prefeitura Municipal e ao pai que veio a falecer em 1960. A partir daí, passou a viver só e, em fins da década de 70, foi

³⁵ Discurso pronunciado pela candidata a vereadora pelo PSP, Srta. Maria Dirce Ribeiro. Jornal Correio de Uberlândia, 05/05/1954, no 3922.

³⁶ Idem. Correio de Uberlândia.

acometida de uma grave doença. Rodeada pelos parentes, faleceu em sua casa, no dia 21 de abril de 1981.

Somente duas décadas mais tarde, Maria Dirce Ribeiro voltou a dividir o seu reinado soberano com outra mulher, Nilza Alves, integrante do PMDB. Como observava o jornalista Lycídio Paes, em fins da década de 50, a participação feminina na política local era bastante acanhada:

“A mulher de Uberlândia tem revelado timidez em ingressar na vida política, conforme a lei lhe permite depois de uma campanha longa e tenaz, em 1945 e 1946, quando o Brasil começou a respirar livremente com o exígio da ditadura, apareceram nos comícios vozes femininas entusiasmadas. Eram geralmente comunistas, pugnando galhardamente pelos seus ideais. Mas o PCB foi posto fora da lei e essas vozes emudeceram”.³⁷

A jornalista e escritora uberlandense, Ruth de Assis, constatou, após uma pesquisa realizada em 1958, que 50% do eleitorado uberlandense era feminino e, se fazia necessário que a mulher se preparasse para um destino político que não fosse o de mera espectadora dos acontecimentos eleitorais. Para ela, a mulher deveria aproveitar a chance e propor alterações políticas para melhor, pois:

“Uma coisa pode-se garantir: mulher não gosta de desordem em casa ou na rua, e gosta de escolas para os filhos. De início teríamos a Escola Técnica acabada de vez. As ruas limpas. As vilas varridas. As obras terminadas para não enfearem a cidade. Até o pó de agosto seria enfrentado. E é bem provável que a água saísse da demagogia pessedista para os encanamentos... Não seria bom?”³⁸

Enquanto os debates se processavam sobre a participação ou não da mulher na atividade política, na prática ela ia ganhando terreno, como candidatas e eleitoras, como o caso na década de 80 de Nilza Alves, para prefeita e de Martha Helena Masini, por outro partido, como vice-prefeita.

³⁷ PAES, Lycídio. Sugestões Políticas. *Correio de Uberlândia*, 06/03/1958, no 5643.

³⁸ ASSIS, Ruth de. É provável: 50% do eleitorado uberlandense é feminino. *Jornal Correio de Uberlândia*, 04/09/1958, no 5717.

O jornalista Lycidio Paes, apontava os Estados de São Paulo, Bahia, Goiás, Rio Grande do Norte e Pará como pioneiros na participação política da mulher, em várias funções e cargos de chefia.

No segundo capítulo, analisaremos, perfunctoriamente, a vida de Olívia Calábria, a vinda de sua família para o Brasil, a chegada em Uberlândia onde pôde permitir a sua descoberta e sensibilização pelos ideais comunistas, bem como, o seu ingresso no Partido Comunista municipal dedicando-se, com esmero, à militância política e exercendo, seja como fundadora, seja como integrante, encargos decisivos na Organização Feminina Uberlandense.

CAPÍTULO 2 – ATUAÇÃO MILITANTE DE OLÍVIA CALÁBRIA NA POLÍTICA

1 – O interesse de Olívia Calábria pela política

French³⁹, certa vez, fez em uma das suas obras, uma denúncia devastadora sobre a mulher no mundo de hoje. Utilizando-se de dados atualizados em diversos países do mundo, documenta o modo, ainda aviltante, de tratamentos abusivos e discriminatórios para com a mulher em diversos setores. Para ela, a intolerância e a opressão remontam a milênios e insere-se em um sistema econômico, político, cultural e religioso, visando ao controle e à subordinação de parcela enorme da população mundial. A autora denuncia neste trabalho, a discriminação, ainda hoje existente contra a mulher, e aponta uma possibilidade para a discussão da moralidade humana, através do conhecimento de mecanismos que subjugaram as mulheres.

Aos 89 anos, Olivia Calábria, tão lúcida, fala da sua vida e dos acontecimentos que marcaram a cidade de Uberlândia sendo que estes, em alusão à mulher, se encontravam nos moldes gerais acima descritos por French.

A história de Olivia começa na Itália, pois é de lá que seus pais vieram para o Brasil e se instalaram em São Paulo a procura de trabalho no ano de 1900. Olivia nasceu em São Paulo em 05/04/1914, filha do Sr. Domingos Antônio Calábria e Corina Virgelone Calábria. Olívia, muito pequena mas esperta que só ela, escutava as escondidas as conversas dos pais com outros italianos e simpatizava bastante com o que ouvia. A influência do anarquismo dentro da família Calábria era grande. Tios e amigos de seus pais faziam reuniões em casa, mas como era criança não participava destas reuniões.

Olivia relata na entrevista que fez a ela que tudo começou assim, a influência do anarquismo e a simpatia pela causa, a favor do que seus pais partilhavam com os tios e amigos italianos.

³⁹ FRENCH, Marilyn. *A guerra contra as mulheres*. São Paulo: Best-Seller, 1992 p. 251

O anarquismo fez parte de sua vida e foi a primeira lição que aprendeu como teoria, que poderia libertar vários trabalhadores do mundo.

Toda a família de Olivia acompanhou as mudanças que estavam se fazendo na cidade de São Paulo e por causa das tensões, seu pai resolveu transferi-los para outro lugar, já que a perseguição da polícia aos simpatizantes do Anarquismo estava por todo lado na grande São Paulo. A partir daí a estadia da família Calábria em São Paulo não durou muito tempo, seu pai imaginava que o interior seria melhor para a família, e resolveu vir para Uberlândia.

Chegando aqui em Uberlândia seu pai exerceu a profissão de construtor de casas, e em seguida se filiou a Maçonaria. Até 1920, além do comércio, colocado como a fonte primeira de riquezas para o município de Uberlândia, a construção civil teve um crescimento relevante, como nos mostra a seguinte citação de um jornal:

“Para darmos aos nossos leitores uma idéia de transformação porque tem passado Uberabinha nos últimos tempos, basta que a citemos que durante o ano findo 1917 a Câmara Municipal concedeu 61 alvarás de licença para construção e reconstrução de prédios, número esse bastante significativo e, aliás bastante elevado; no corrente exercício com cinco meses e meio, já a municipalidade concedeu 37 alvarás”...⁴⁰

No início foi tudo complicado, mas aos poucos as coisas foram se assentando. Olivia relata na entrevista o começo em Uberlândia:

“...Naquele tempo eu acho que até Uberabinha ainda chamava São Pedro. Depois é que passou a chamar Uberabinha e mais tarde é que foi chamdo Uberlândia. Parece que o nome de Uberlândia veio ano de 1920 a 30. Aí meu pai começou a fazer então aqui as construções (ruído nas gravações) e a mamãe costurava pra fora, era modista. Ela costurava muito. Porque na fábrica de tecidos em São Paulo, ela trabalhava na seção de roupas feitas, então lá é que ela aprendeu a trabalhar, a fazer os vestidos, principalmente vestido de noiva. E a mamãe, entãõ, criou os nove filhos, sem empregada, ela fazia todo o serviço da casa: lavava, cozinava, fazia comida, cuidava dos meninos, costurava pra fora, mais praticamente ela tinha um exército, né, pra ajudar, que

⁴⁰ Construções, *A Notícia*, 23/06/1918, nr. 04.

éramos nós pequenos. Então ia varrer casa, menino ia arrumar cozinha, menino ia olhar a carne que tava cozinhando, menino ia daqr banho nos outros menor, então nós todos fomos criado no trabalho.”

Olivia admirava seus pais pelo dinamismo e inteligência. Por serem pobres o esforço que o pai fez para dar condições melhores a família foi extremo. Na sua entrevista Olivia relata a admiração por sua família:

“...Mais eles eram inteligentes, começaram logo passar para pedreiro. Depois, eles foram estudando e então eles pegaram... já começaram... começar a pegar a fazer plantas e construir. Então, foi onde eles progrediram, pela inteligência deles, porque eles não tinham condições de entrar em escola. Até quero contar um detalhe de como foi que minha mãe, meus tios, meus pais, tudo, aprenderam a ler. Porque naquela época, aí entra a parte das mulheres, naquele tempo mulher não podia ir pra escola estudar. E, como era caro, então tinha escola nas fazendas, né, onde eles trabalhava, com o professor e aquela porção de alunos, e os meus parentes – que a minha mãe, a minha tia, meu tio, tio Américo, lês então ficavam na porta da escola estudando na areia: o que o professor ensinava pros meninos eles iam pondo, colocando na areia. Então o professor chamou os pais deles, né, os dois meus avós, pra por na escola. “Por que vocês não põem os meninos na escola, eles são tão inteligentes, estão aprendendo aí do lado de fora, pôe eles aqui dentro”. Mas eles não poderiam pagar, então eles aprenderam a ler, a fazer contas, tudo, desse jeito do lado de fora da escola. Eles não entravam na escola porque não podia pagar. Você vê como é importante a pessoa ter força de vontade, né? Porque daquele estudo que eles fizeram é que eles estudaram livros de engenharia, aprenderam matemática, aprenderam a fazer desenho, fazia as plantas muito perfeitas, como se fossem engenheiros.”

Olivia estava em casa e chegou um amigo da loja Maçônica do seu falecido pai, a procura de notícias da família e como estavam. Olivia ficou atrás de uma porta escutando o que sua mãe falava com o amigo. Ela escutou o que o amigo de seu pai dizia, isto ela se lembra muito bem, pois ele deixou claro que precisava de um homem para trabalhar e assim poderia ajudar a família de alguma forma. Na saída do amigo Olivia já bem mocinha correu atrás deste e perguntou que não serviria uma mulher para o trabalho. O amigo admirado respondeu que iria ver o que poderia fazer.

Ela já sabia que a mulher poderia desenvolver um papel importante na sociedade, bastava que tivesse o primeiro empurrão, e isto iria acontecer não muito distante desse episódio. Logo, Olivia começou a trabalhar e foi conhecendo pessoas que pensavam como ela. Ela deixa bem claro na entrevista que não sabia por onde começar, mas quando conheceu pessoas que já militavam, aquilo veio de encontro ao que ela já aspirava como ser humano e como mulher.

Na entrevista feita a Olívia Calábria a mesma relata:

“Ah, sim, sei, então, nesse período, né, eu fui chamada, porque aí eu fui estudar no Liceu, e um dos professores, que era o Sr. Antonio Luiz Bastos, se interessou pelo meu trabalho, que lê via que era aluna aplicada, e que tava desenvolvendo bem. Já havia passeata de estudantes, eu participava, já havia distribuição de livros entre os estudantes, sobre o comunismo, aí eu fui lendo, li: “Onde dirige o proletariado”, né, o título do livro, li “Um Engenheiro Brasileiro na Rússia”, li o resumo de “Capital”, e fui lendo outros livros assim sobre economia, política, né. Então achei que esses livros traziam muita verdade e que era a marcha do mundo, dos acontecimentos, né, e gostei. Eu conversava com minhas amigas, conversava como os vizinhos, eu conversava com os trabalhadores, sem ter a noção de que existia um Partido Comunista organizado. Eu falava assim: “o que vai resolver a situação, que eu tinha muita pena do povo, a minha rua era uma rua que morava muito camponês. O povo sofria demais e eu lendo os livros falando que no comunismo a gente tem hospital, tem ajuda pra fazer tratamento, tem remédio, eu falei assim: “nós temos que ter um sistema assim, né onde o povo possa ser atendido”.

Uberlândia foi alvo da imprensa local a alardear o discurso das classes dirigentes de um município de médio porte em crescimento econômico que – na busca de vultosos investimentos e visando a expandi-lo ainda mais – forjaram a imagem harmônica de uma cidade fadada ao progresso e à modernidade, onde não existe crise, pobreza, desemprego... intocada pelas já conhecidas contradições sociais próprias das sociedades capitalistas.

Olívia Calábria se viu em um mundo que contradizia o que a realidade mostrava, sua luta contra a carestia, a pobreza, o desemprego foram constantes em sua luta, contra

essa propaganda hipócrita que vestia a cidade de Uberlândia e, também, contra a inferiorização e discriminação das mulheres no âmbito familiar e social.

O Comunismo fora de encontro aos anseios ideológicos e individuais de Olívia Calábria. Ora, até Sigmund Freud⁴¹ ao questionar que o superego de um indivíduo ao ser influenciado pelo superego da coletividade também era influenciado de tabela pelo superego das personalidades dos grandes líderes, ou seja, de homens de grande e esmagadora força de espírito ou mesmo de homens em quem um dos impulsos humanos encontrou a sua expressão forte e mais pura diria que seria um exemplo do primeiro caso a repercussão das idéias de Karl Marx em todo o mundo, principalmente, na ex – União Soviética, sobre o Socialismo e o Comunismo. Já no segundo caso seria um exemplo, o melhor inclusive, o de Jesus Cristo o maior comunista que já houve e irá haver na terra que influencia o superego das coletividades, diretamente ou indiretamente, durante milhares de anos com a máxima “ame ao próximo como a ti mesmo”.

Nestes termos Olívia Calábria diria que as mulheres não poderiam ser discriminadas nem, tão pouco, na coletividade, no âmbito social e político, perpetuando a situação de inferioridade em que foram colocadas, sem que houvesse alguma mulher considerada como líder.

A presença do PCB exercia influência nos meios intelectuais e Olívia teve contato com as idéias comunistas, mas como ela mesmo disse: “tudo foi rápido demais e assimilar as idéias foi como colocar em prática o que já pensava e tudo que o pai a ensinou”.

Por esta razão, falar sobre a história de Olívia Calábria é de suma importância já que ainda é real a sua presença e, não faz muito tempo, ignorava-se a necessidade de fazer emergir e preservar a memória de outros personagens também constitutivos do cenário social, em contrapartida à instrumentalização da história pelas classes dirigentes, que, recorrentes vezes, manipulam os fatos; escamoteiam as realidades incômodas e forjam uma memória coletiva que, em diversas passagens da história local, imergiu no esquecimento a realidade vivida no passado por muitos de seus personagens.

⁴¹ FREUD, Sigmund. *O mal estar da civilização*. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

2 – Partido Comunista Brasileiro e a adesão de Olívia Calábria

Assim, em 1945, com a vitória dos democratas capitalistas na Segunda Guerra, fora fundado em Uberlândia o Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro, se portado como uma regional no Triângulo Mineiro, o que veio a ceder o suporte necessário para que os processos de adesão aos ideais comunistas daqui se difundissem para as demais cidades e comarcas inclusive na organização das Ligas Camponesas, por alguns considerados as primeiras do país.

Este ano fora marcado pela mobilização dos comunistas em defesa da redemocratização do país e pelas campanhas pelo sufrágio dos candidatos comunistas de Uberlândia no pleito eleitoral da cidade.

Assim, além das Ligas Camponesas temos que em 1947 com a cassação dos registros do Partido Comunista Brasileiro e dos mandatos dos seus parlamentares federais e estaduais os comunistas uberlandenses se engajaram em eleger os “*Vereadores de Prestes*” sob a coligação do Partido Social Democrático, num total de quatro vindo ao ano de 1954, sob os impactos do “*Manifesto de Agosto*” sofrer um considerável decadência diante, em parte, da intolerância das diretrizes políticas traçadas à época e a atuação do DEOPS-SP na região de Juiz de Fora e do Triângulo Mineiro.

Portanto, Olívia Calábria faz parte de uma história viva ao lado de uma realidade que fez a cidade de Uberlândia transformar-se num pólo importante de rotas políticas, econômicas e sociais face aos acontecimentos no Brasil.

Apesar de se questionar se os comunistas uberlandenses possam ter tido ou não uma compreensão e concepção idênticas das estabelecidas pelas orientações ideológicas e políticas do Partido Comunista Brasileiro, criado no Rio de Janeiro, em março de 1922, neta cidade houvera, de uma forma ou de outra, atuação dos mesmos. Tanto assim o é que o anticomunismo fora freqüentemente corporificado em atos e discursos da imprensa, nas políticas sociais da Igreja Católica e nas ações das instituições políticas e sociais.

Assim tentamos resgatar a existência de núcleos comunistas em Uberlândia, por volta de 1930 e os breves registros em 1935 da aliança Nacional Libertadora (ANL).

Num contexto de reflexões e debates sobre os paradigmas teóricos, Marco Aurélio Garcia⁴², ao avaliar a historiografia da "esquerda brasileira", afirmou, em seu texto, publicado em 1988, que essa história é tributária de uma série de trabalhos desenvolvidos no campo das outras ciências sociais, que contribuem significativamente para que os estudos sobre as esquerdas não se reduzam à história institucional. Em sua análise, o referido autor suscitou a problemática da inexistência de uma história oficial do PCB, ou sequer de um manual oficial que pudesse ser revisado e atualizado a cada mudança de diretrizes políticas, a exemplo do que aconteceu com a publicação da história do Partido Comunista da URSS.

Conforme Marco Aurélio Garcia, a Formação do PCB (1962)⁴³ de autoria do militante comunista Astrojildo Pereira, consistiu no trabalho que mais se aproximou da tentativa de recompor a trajetória do partido dentro das linhas oficiais. A esse respeito, Paulo Sérgio Pinheiro⁴⁴, tempos antes, assinalou, em seu livro que, pelo fato de Astrojildo Pereira ter sido o primeiro secretário geral do partido, sua obra pode ser considerada como um testemunho oficial. Entretanto, na avaliação de Marco Aurélio Garcia, restringe-se aos anos 20 e apresenta lacunas e problemas sem respostas, o que, na sua visão, pode estar relacionado ao percurso tortuoso de Astrojildo Pereira no partido. Mas, apesar dessas problemáticas, e considerando-se a época de sua publicação, 1962, e o fato de ter sido escrita por um militante, um dos principais fundadores do PCB, a referida obra pode ser avaliada como uma contribuição significativa para a compreensão dos atos de fundação do partido e da maneira como Astrojildo Pereira não somente vivenciou mas construiu uma dada memória das experiências do partido nos anos 20, ainda que lacunar e indelevelmente marcada pelas tendências e paixões políticas.

⁴² GARCIA, Marco Aurélio. *Contribuições para uma história da esquerda brasileira*. In: MORAES, Reginaldo Antunes, Ricardo, FERRANTE, Vera B. (Org.). Inteligência Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1986.

⁴³ PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB; (Partido Comunista Brasileiro) – 1922-1928*. Lisboa: Prelo Editora, 1976.

⁴⁴ PINHEIRO, Paulo Sérgio de M. S. *Política e trabalho no Brasil; dos anos vinte a 1930*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 107-108.

No campo da teoria política, destaca-se o estudo de Ronald Chilcote⁴⁵, que procura reconstituir a trajetória dos 50 anos de existência do PCB no período entre 1922 e 1972, ao expor o processo de constituição do partido, seu estudo indica caminhos para uma análise das experiências do PCB, integradas ao contexto internacional, nacional e local. Além disso, o autor demonstra a maneira como o partido manteve, historicamente, estreitas ligações com a política comunista internacional. Isso, segundo o autor, provocou, em muitas circunstâncias, descompassos entre as lideranças e as bases e indisposições de parte da militância com as diretrizes políticas adotadas pelo partido e frustrações das aspirações dos seus ativistas.

Esses fatos também puderam ser observados nas experiências dos comunistas de Uberlândia, quando por exemplo, Olívia Calábria⁴⁶, em seu depoimento, declarou suas atividades políticas dentro do Partido Comunista. Ronald Chilcote, na obra referenciada, periodizou a trajetória do PCB em dois grandes momentos: o primeiro, de 1922 a 1945, marcado pelo surgimento e evolução do partido; o segundo, de 1945 a 1972, caracterizado pelo ressurgimento do PCB, na legalidade, seus momentos de ascensão e significativa força política no cenário nacional, e pelo seu declínio, que, segundo o autor, principia antes mesmo do Manifesto de Agosto de 1950 e ganha fôlego com as cisões de 1956 – que, em parte, decorreram das problemáticas políticas debatidas no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) – e culminaram com a mudança de nome do partido, em 1961, com propósito de abrigar a nomenclatura partidária, a fim de demonstrar ao Tribunal Superior Eleitoral que se tratava de uma organização política nacional e não um braço, um instrumento político da URSS, o então Partido Comunista do Brasil passou a denominar-se Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Além dessas obras podem ser citadas as contribuições, também publicadas nos anos 80, de Eliézer Pacheco,⁴⁷ Werneck Sodré⁴⁸ e José A. Segatto⁴⁹. Salvo este último, por tratar-se de um texto elaborado para a formação de militantes, como afirmou Marco Aurélio

⁴⁵ CHILCOTE, Ronald. *Partido comunista brasileiro: conflito e integração – 1922-1972*. trad. Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

⁴⁶ Olívia Calábria foi entrevistada pela autora e atuante do Partido Comunista.

⁴⁷ PACHECO, Eliézer. *Partido comunista brasileiro*. São Paulo: Alfa-Omega, 1984.

⁴⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *Contribuição à história do PCB*. São Paulo: Global, 1984.

⁴⁹ SEGATTO, José Antonio. *Breve história do PCB*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

Garcia⁵⁰, as outras são passíveis de uma rigorosa crítica pelo seu caráter descritivo e compilatório de fontes secundárias esparsas e lacunares. Nesta linha de trabalho, acrescentam-se também os três volumes da obra, *O PCB*, de Edgard Carone⁵¹, a obra compõe-se de uma nota introdutória sobre a atuação do PCB no período delimitado e de uma compilação dos documentos relativos aos congressos e conferências do partido, aos manifestos, às diretrizes políticas e ideológicas, às formas de organização e de atuação do PCB no meio dos diversos segmentos sociais.

Apesar de não tomar a atuação do PCB como meu objeto específico de análise, não posso falar sobre uma história oral de uma mulher militante como Olívia Calábria e desvinculá-la do PCB. Seria infundado minhas análises, já que a referida começou sua militância dentro do Partido e até hoje permanece fiel aos ideais do partido.

As atividades que Olívia Calábria exercia dentro do partido, a contextualização do partido em Uberlândia.

A escolha sobre o tema levou-nos a conhecer com mais profundidade e mais intensidade a História Local e, por ser uma temática sobre as mulheres revelou-se uma possibilidade de leitura da História e da militância.

Os ideais praticados por Olívia Calábria colocou as suas idéias a serviço das reivindicações de milhares de mulheres, indo contra um discurso que se efetivava cada vez mais forte e que nutria, de ponta a ponta, os vários saberes do conhecimento humano, em consonância com o movimento da Organização Feminina que se consolidou dentro de Uberlândia até os anos 60.

Segundo Olívia Calábria, Roberto Margonari comunista atuante em Uberlândia na época gostou de sua forma de falar e expressar e convidou-a para participar junto com outros especialmente com professores, médicos, engenheiros e advogados como: Mário de Magalhães Porto, Nelson Cupertino, Manoel Thomaz Teixeira de Souza, Henckemar

⁵⁰ *Idem.* GARCIA, Marco Aurélio.

⁵¹ Sobre livros compostos de documentos do PCB, ver:

CARONE, Edgard. *O PCB (1922-1943)*. São Paulo: Difel, 1982, V. I

_____. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982, V. II

_____. *O PCB (1964-1982)*. São Paulo: Difel, 1982 V. III

Borges, José Aparecido Teixeira, Miron Menezes, João Jorge Coury, o médico Mário Faria e o advogado Nelson de Magalhães Porto.

Voltando ao ano de 1945, Luiz Carlos Prestes visitou Uberlândia. Várias comissões foram formadas para preparar a recepção ao líder comunista, tomando parte das mesmas, elementos da sociedade uberlandense não ligados ao Partido Comunista. A recepção foi uma verdadeira apoteose. Integravam a comitiva de Prestes várias pessoas ligadas ao comunismo, destacando-se entre elas: Aparicio Torrelli, Graciliano Ramos e o Dr. Vitorino Semóla. Inúmeras faixas aclamavam o líder comunista. Diversos foram os discursos pronunciados. Prestes abordou o panorama político-económico nacional, referindo-se à miserabilidade presente entre o povo brasileiro, à necessidade da “União Nacional” e à candidatura de Yedo Fiuza à presidência da República.⁵²

Olivia Calábria relata que a presença de Luiz Carlos Prestes em comício promovido pelo Partido em Uberlândia, embora já tivesse sido proibido pela polícia local, contaria com a presença de José Maria Crispim em 1946, e apesar do fechamento do Comitê Municipal do PCB e suas respectivas células em 12/05/1947, seus elementos continuavam atuando, quer seja por meio de reuniões, quer seja comemorando, com pichações, boletins e faixas, os aniversários da Revolução Russa.

Para recepcionar Luiz Carlos Prestes, várias comissões foram organizadas dando oportunidade a algumas mulheres de participarem na elaboração e execução do programa. Os nomes de Matildes Pereira da Silva, Irma Gouvea de Paiva e Olivia Calábria, figuravam no Comitê Municipal do PCB, em 1947. Foi nos quadros do Partido Comunista Brasileiro que encontramos uma atuação mais dinâmica da mulher uberlandense, embora outros partidos tivessem, em menor escala, a presença feminina.

Olivia Calábria presenciou a partir da década de 40, além das passeatas, bandas de músicas e missa, festivais de teatro, partidas de futebol com portões abertos, competições e sessões cinematográficas. A polícia interferia, algumas vezes, nas manifestações programadas, chegando, inclusive, a proibi-la. Em 1946, as comemorações do 1º de maio, foram suspensas, sem explicações, por parte da Delegacia de Polícia. O Jornal “Correio de

⁵² O Repórter, 15/12/1945, nr. 838

Uberlândia” expressou sua indignação com relação à medida e polemizou que, se as comemorações haviam sido suspensas com o objetivo de combater o comunismo:

“Não é possível caminhar para a democracia com medidas restritivas da liberdade”⁵³

Este Jornal continuava sua crítica à medida policial, enfatizando, inclusive, que o Partido Comunista local, havia divulgado um boletim defendendo as prerrogativas do não conformismo à violência aos direitos dos trabalhadores em comemorar o 1º de maio.

Acredita-se que a proibição da polícia para a realização da programação prevista estava diretamente ligada ao clima de liberdade instaurado no país pós-45, e que em muito contribuíra para uma organização mais efetiva do trabalhador. Esta pôde ser comprovada em Uberlândia, através da fundação do Partido Comunista, e suas diversas células.

Para as eleições municipais e estaduais de 1947, o PCB, através da legenda do Partido Popular Progressista, elegeu quatro vereadores à Câmara Municipal – Virgílio Mineiro, Henckmar Borges, Roberto Margonari e Enocke de Paiva – e apoiou, ao Executivo Municipal, através da legenda do PSD e PTB, o nome de Tubal Vilela da Silva. A UDN assim divulgou a coligação PSD/PCB:

“aos poucos a ala comunista que constitui o PPP local vai absorvendo o que sobra do PSD. Nos comícios quase sempre a maioria dos discursos compete aos candidatos comunistas, que, tomam conta do microfone, dirigem a festa, anunciam os oradores... e as vezes se esquecem de se referir ao Sr. Tubal Vilela da Silva.”⁵⁴

À proibição da polícia não conseguia fazer cerco às manifestações dos militantes comunistas, como atestam as divulgações da imprensa local. No entanto, esses acontecimentos postavam-se dentro dos limites da ordem estabelecidos pelo projeto de fazer avançar o progresso no município. Podemos verificar isto através da notícia do fechamento do PCB:

⁵³ Providências inexplicáveis. A polícia proíbe os festejos dos trabalhadores, *Correio de Uberlândia*, 04/05/1946, nr. 1905.

⁵⁴ *Correio de Uberlândia*, 15/10/1947, nr. 2256.

“ a diligência ocorreu sem incidente, sem embaraço, encontrando as autoridades por parte dos responsáveis pelo partido em Uberlândia, todo o respeito e acatamento às ordens que estavam sendo cumpridas... assim graças à serenidade das nossas autoridades que não quiseram dar caráter aparatoso à diligência, graça à boa vontade e o espírito de respeito a lei encontrado da parte dos dirigentes do partido nesta cidade, foi dado cumprimento às ordens e instruções recebidas da Chefia de Polícia...”⁵⁵

A partir de uma organização crescente do Partido Comunista que, mesmo estando na ilegalidade, apoiava candidatos de outras siglas e fazia vereadores por outras legendas, a repressão policial se fez presente, quer seja nas manifestações políticas, através de reuniões ou comícios, fechado os escritórios dos vereadores comunistas ou, até mesmo, policiando as sessões da Câmara Municipal. Intensificou-se, a partir de 1948, o aparato policial da cidade, denunciado pelos jornais locais:

"Grande aparato policial e bélico para impedir pacíficas reuniões: 3 delegados de polícia e 20 soldados armados de fuzis e metralhadoras. O povo de Uberlândia sempre pacífico, sempre ordeiro assistiu surpreso a todas essas medidas policiais e fez o seu juízo: uma exibição de força desnecessária.”⁵⁶

Em 23 de Março de 1947 o TSE cassa o registro do PCB. O PCB neste momento passa a ser ilegal, se por um lado os democratas indignaram-se com tal medida atentatória à liberdade, por outro, os “reacionários” celebraram o acontecimento:

“Ninguém em sã consciência e excluindo qualquer manifestação de egoísmo partidário, negará a força dissolvente no partido agora aliado do convívio legal, mas examinado-se ao mesmo tempo a formula manipulada para a sua inclusão no seio da legalidade(...).

(...)Visceralmente contrários a inclusão de qualquer inovação alienígena em nossa forma de governo, sempre dentro de uma unanimidade de opiniões sensatas, condenamos os métodos postos em prática pelos moscovitas, pois conhecedores do sistema de governança adotado em sua realidade, não poderíamos abraçar hoje o que sempre repudiamos pelo ir de

⁵⁵ *Correio de Uberlândia*, 12/05/1947, nr. 2151.

⁵⁶ *Correio de Uberlândia*, 07/08/1949, nr. 2710.

encontro à nossa formação de povo entusiasta da liberdade.⁵⁷

É importante salientar sobre o Partido Comunista, pois através do depoimento de Olívia Calábria podemos perceber as manifestações ocorridas na cidade de Uberlândia, mesmo o partido estando na ilegalidade, Olívia vai participar juntamente com outros militantes: Mário de Magalhães Porto, Roberto Margonari, José Virgílio Mineiro, Waldemar Silva, Henckmar Borges, Enoque Caldeira Paiva, Maria Abadia Siqueira, Matilde Pereira da Silva, Noêmia Gouveia, Clotildes Nascimento dentre outros. Olívia começou a perceber que o Partido Comunista se sentia desafiado a interpretar a realidade brasileira, seus representantes, membros do PCB, deveriam demonstrar na prática que se poderia ser aplicada com sucesso ao estudo e à transformação revolucionária da nossa sociedade e organizadas para o bem social das pessoas. O que deixou-a mais satisfeita foi a valorização da mulher dentro do partido pois a mulher tinha um papel fundamental dentro da organização.

“Devemos lutar, pacificamente, organizados em nossos organismos de classe, por nossas mais justas e sentidas reivindicações”.⁵⁸

Para Olívia ser comunista era perceber o fato de que somente o PCB poderia dar condições de justiça social aos pobres. Em relação às mulheres exigia direitos de igualdade com os homens:

“Nós do chamado sexo frágil, a arma com que a incompreensão nos combate, queremos a nossa emancipação social, não a emancipação de MULHERES LIVRES, como poderá pensar a reação, mas da mulher companheira, esposa e mãe, sem necessidades negociáveis. E isto, só teremos com o regime Democrático que reconhece na mulher o direito de trabalhar e viver com sobriedade, sem diminuir o seu estado de mulher-esposa e mãe.”⁵⁹

Olívia Calábria tinha que organizar outras mulheres a empreender a luta a fim de resolver as seguintes questões: a integração das mulheres ao trabalho social produtivo; a socialização e tecnificação do trabalho doméstico, mediante criação de serviços, como

⁵⁷ O fechamento do PCB. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 10/05/1947, ano 10, nº 2.130, p.1, c. 1-5.

⁵⁸ Não devemos promover desordens. *Jornal Mocidade Livre*, set/1946 nr. 06.

⁵⁹ *O Estado de Goiás*, 22/08/1945 nr. 1094.

creches, restaurantes, lavanderias populares, etc, que tendiam a eliminar a dupla jornada; a promulgação de leis que as liberem de sua condição subordinada; e enfrentar com êxito a moral dominante e os costumes ancestrais, que as confinam em situações de inferioridade do ponto de vista da cultura. Olivia tinha o olhar voltado para o futuro e o futuro pertencia às mulheres. A cada dia que passava mais e mais Olivia se sentia preparada para ir em frente.

Como Olivia outras mulheres tiveram participação fundamental na militância do PCB. Segundo Idalice:⁶⁰ “Durante as solenidades de fundação do Comitê Municipal do PCB, os discursos proferidos demonstraram à maneira como os comunistas intentavam mobilizar as mulheres em defesa das bandeiras do partido. Isso foi constado nas falas de Aparecida Cardoso, que conclamara as uberlandenses a se unirem pela conquista dos seus direitos:

“Nós, como esposas e mães, filhas e irmãs, parcelas vivias da humanidade, não podemos permanecer inativas, quando todas as classes e raças se arregimentam para melhores dias.(...)”

Só o conseguiremos, cerrando fileiras no PARTIDO COMUNISTA, que virá trazer-nos certeza de que nossos filhos terão alimentos, roupa, escola, saúde, profissão, coisas a que só tem direitos os ricos.”⁶¹

“Aparecida Cardoso se remeteu ao heroísmo de bravas personagens femininas da história brasileira como Leocádia Felizardo Prestes e Olga Benário, e concitou as mulheres a romperem as amarras da “apatia” e a conquistarem seus espaços na sociedade. Ela afirmou que se, por um longo tempo, o “capital colonizador e reacionário” fincou a mulher na condição de mercadoria, de mero “instrumento de prazer”, de reprodução de mão-de-obra barata, era chegado o momento de os grupos femininos batalharem pela sua emancipação social, a fim de soterrar a condição de “mulher escrava”, de “mulher instrumento, sem outro direito a não ser o de mobília caseira”, que até então marcara as suas vidas. Aparecida Cardoso recomendou que, no embate pela emancipação das mulheres, do chamado “sexo

⁶⁰ SILVA, Idalice Ribeiro. “*Flores do mal*” na cidade jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia. (Dissertação de Mestrado) – 1945/1954. Campinas/SP. 2000.

⁶¹ Discurso proferido pela srta. Aparecida Cardoso. *O Estado de Goiás*, Uberlândia, 22/08/1945, ano 13, n° 1094, p. 3, c. 1-6, p. 177

frágil”, as uberlandenses se unissem ao Partido Comunista e ao seu “grande líder” Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança, ora visto como “cavalheiro da realidade”.

Junto ao PCB, as mulheres fortaleceriam suas lutas pela consolidação plena do regime democrático e pela conquista e garantia dos seus direitos sociais e políticos e de sua dignidade social, preservando, contudo, o seu “estado de mulher-esposa-mãe”.

De maneira geral, pode-se inferir que o discurso de Aparecida Cardoso estava substancialmente afinado com as diretivas do PCB em relação à mobilização das mulheres em torno da causa comunista. Tais diretivas pretendiam mostrar às mulheres, principalmente, às donas de casa, a importância de seu papel social e de sua missão na luta pela democratização da sociedade. Para tanto, o partido recomendava-lhes que saíssem do âmbito doméstico e se manifestassem nos espaços públicos, em luta pelos direitos, pela transformação de sua condição social.”⁶²

A autora compreende que devido às tarefas que deverão cumprir os comunistas, conceber a revolução socialista como produto da luta do proletariado e como resultado das lutas de vários setores e categorias sociais é empreender a luta pela participação das mulheres.

Não obstante, para conquistar a superação desse estado secular de sujeição e subordinação, é necessária a mais ampla luta popular, especialmente da classe operária, que estimule a existência de vasto movimento organizado pelas mulheres, ligado ao movimento operário, capaz de exercer no plano político uma grande influência, e que tenha a força suficiente para impulsionar as mudanças. Por outro lado, o movimento feminino se ressentia da falta de um movimento operário forte e autônomo, livre do controle do Estado; e do fato de vivermos e atuarmos numa situação de transição, onde não estão assegurados os elementos essenciais dos direitos humanos e a vida democrática é por demais limitada.

Ser comunista para Olívia também era ter a consciência de edificação de um mundo novo, um mundo socialista, relações verdadeiramente justas, iguais em direitos e fratemas em amizade.

⁶² SILVA, Idaléc Ribeiro. Ob. Cit. p. 177/178.

O partido tinha como prioridade apontar como tarefa prioritária a continuação do aprofundamento da integração socialista, na base de programas a cumprir a longo prazo. Tudo isto foi relatado em sua entrevista na qual Olivia fala também dos êxitos do trabalho comum, é com legítimo orgulho que cita a criação das creches aqui em Uberlândia. Foi através dela que isto foi organizado pela primeira vez, uma vez que o Partido Comunista se preocupava com a mulher que precisasse trabalhar e não ter com quem deixar os filhos.

Para Olivia “tudo o que foi feito nos países socialistas em prol do desenvolvimento econômico, da elevação do nível de vida dos povos, representa toda uma época. Para ela o socialismo mundial conheceu toda a espécie de provações na história. Houve momentos difíceis e momentos de crise. Mas os comunistas sempre repeliram corajosamente os ataques dos adversários e triunfaram. E que ninguém duvide da resolução comum de garantirem os interesses que são comuns a todos aqueles que queiram fazer parte do Partido.

Consoante, para Olivia “lutar” era a justa causa da paz e da segurança dos povos, pelos interesses dos trabalhadores. A força do Partido está na unidade e na coesão. Olivia confessa que quando empresários Uberlandenses davam contribuições para suas ações dentro do Partido, isto para ela era uma realização pessoal. Era como se eles dissessem “vai Olivia que isto que você faz e coloca em prática é aquilo que todos nós não temos coragem de praticar, e você tem”.

O essencial para Olivia é que os comunistas, armados com a doutrina do marxismo-leninismo, viam mais profunda e justamente a natureza e a perspectiva dos processos que se desenrolam no mundo e tiraram daí conclusões acertadas na sua luta pelos interesses da classe operária, dos trabalhadores dos seus países, pela democracia, a paz e o socialismo.

É claro que com tudo isso que Olívia colocou em sua entrevista, ela pode me responder a pergunta feita sobre o preconceito em ser mulher dentro do Partido no meio de tantos homens. Serenamente respondeu que a luta era muito maior que qualquer tipo de preocupação em ser homem ou mulher, as causas e as convicções, por pertencerem ao Partido da classe operária, era muito mais abrangente do que qualquer outra preocupação.

De tal arte, Olívia Calábria respondeu a minha pergunta sobre o preconceito em ser mulher e filiada ao partido Comunista:

“A minha família toda também já tinha lido, né. Mamãe e meu pai já vinham daquele ambiente de luta, então de modo que com a família, não teve movimento de coisa nenhuma. Com as amigas, a gente conversava e elas falavam assim: ‘Ah, deixa disso, boba. Isso não dá dinheiro nenhum’, mas eu sabia que não tava atrás de dinheiro. Eu estava atrás de um ideal, de uma coisa boa pra humanidade.”

O ano de 1951 marcou graves conflitos na cidade de Uberlândia, entre a polícia local e elementos do Partido Comunista Brasileiro. Várias pessoas foram feridas e presas. Esses acontecimentos ganharam as primeiras manchetes dos jornais da capital mineira.⁶³

Nesse mesmo ano chegavam à cidade autoridades da Polícia Política e Social do Departamento Federal de Segurança Pública. A vinda de vários elementos da Segurança Nacional ao município objetivava assentar “medidas para maior assistência às delegacias de Uberlândia, Monte Alegre de Minas e Canápolis, na parte de ordem política e social, no sentido de aparelhá-las na ação rápida e segura contra os que pretendem a subversão da ordem.”⁶⁴

Em 1952, o Ministério do Trabalho forneceu uma lista de elementos comunistas, que estavam atuando no Congresso de Trabalhadores em São João Del Rei, pertencentes às principais lideranças sindicais uberlandenses. A partir desses fatos, a cidade viveu situações constrangedoras, onde a repressão policial tomou-se uma constante, sendo, inclusive, denunciada pelo Legislativo local e Associação Comercial.

Olívia é convidada para ir à URSS. Com o passar do tempo Olívia expandiu seus conhecimentos ao ser convidada pelo Partido Comunista a ir até a URSS. Para ela foi de grande benefício pois ir até a URSS era aprender mais, trazer métodos que seriam utilizados por aqui e o que é melhor viajaria e conheceria além de suas fronteiras. Viajar, conhecer outras línguas, tudo muito diferente do que vivia em uma cidade do interior de Minas Gerais. Aquela seria a primeira de várias viagens que Olívia faria não só para fora do

⁶³ *O Estado de Minas Gerais*, 26/07/1951, nr. 9692.

⁶⁴ Uberlândia: altas autoridades da polícia política. *Correio de Uberlândia*, 22/04/1951, nr. 3140.

país como dentro do país. Ela já sabia que seu destino seria de dedicação principalmente por militar dentro do Partido Comunista.

Conhecer o Partido de perto era o sonho de qualquer militante, e foi com muito prazer que Olivia conheceu de perto os informes do comitê central do Partido Comunista da União Soviética. Mas, a par do orgulho, ela sabia que deveria existir o sentido de alta responsabilidade, para que o enorme potencial fosse aproveitado ao máximo e trouxesse maiores conhecimentos aos outros militantes que aqui ficaram em Uberlândia.

Olivia percebeu quando chegou a URSS que os soviéticos trabalhavam bem e como eram organizados, dando provas de autêntica abnegação. Os trabalhadores da cidade e do campo, unidos estreitamente em torno do Partido leninista, interpretavam as suas instruções como a sua própria causa vital: não poupavam esforços para incrementar o potencial econômico da Pátria. "Glória ao Homem soviético, ao Homem trabalhador. É ele a mais importante e inapreciável riqueza da nossa sociedade", era assim que escutava o que os militantes que a recebeu em Moscou.

Voltando ao Brasil especificamente para Uberlândia, ficou feliz em ver a participação das mulheres na política e apesar desta participação relatou que as incursões femininas na política uberlandense, foram, portanto, importantes para o andamento do processo político local com participação das mulheres.

Olivia diz: "quando no Brasil se põe, à luz do dia, a questão comunista, com os comunistas defendendo os direitos da cidadania na reivindicação da legalidade para o PCB, nada melhor que oferecer à sociedade elementos que lhe permitam avaliar e polemizar as propostas comunistas."

O movimento político de esquerda em Uberlândia tem uma história a parte. Olivia relata que tudo começou com o professor Mário Porto, diretor do Ginásio Mineiro: "Ele comandou a formação da elite intelectual de esquerda em Uberlândia", afirma Olivia Calabria. Foi graças a ação desse extraordinário diretor do Ginásio Mineiro que Uberlândia, ficou conhecida como "Moscou Brasileira". Segundo Olivia, porque os comunistas daqui representavam uma elite intelectual no partido. Mas havia também líderes não intelectuais

de grande prestígio como Roberto Margonari e Malaquias. “Eles eram operários do partido assim como eu. Não eram intelectuais.”

Na Câmara Municipal destaca-se o trabalho do médico comunista e vereador Virgílio Mineiro. Olivia Calabria destaca-o como “homem culto, educado, de alto nível e que com os seus companheiros sempre se unia com a direita quando o assunto era defender os interesses de Uberlândia.

Para Olivia tudo que ela viveu e ainda vive para o partido é parte fundamental de sua vida. O pior para ela era viver na clandestinidade, porque para os comunistas brasileiros não interessa a clandestinidade mas a atuação do partido a luz do dia.

Como Marxista D. Olivia sabe sobre as questões objetivas do PCB. Há modelos desta sociedade: as nossas peculiaridades nacionais, os nossos traços culturais, a história que D. Olivia fez junto com todos do partido é isto que determinará os contornos de uma sociedade justa e humanizada.

Basta observar o percurso do partido, a sua longa trajetória, para avaliar as garantias requeridas. Na maioria dos movimentos sócio-políticos decisivos do último século brasileiro, o PCB esteve defendendo os interesses globais da classe operária, da democracia e da Nação.

O socialismo emergente ao qual D. Olivia participou, ela caracteriza por: consideração de que a socialização dos meios de produção não é a condição prévia para a transformação socialista das relações sociais; defesa da idéia segundo a qual transformação progressiva e gradual das relações sociais deve ter no intervencionismo estatal (políticas monetárias, fiscal etc,) o seu instrumento privilegiado e mais adequado e a elevação da democracia parlamentar pluripartidária à condição de única forma possível e eficaz de intervenção política institucional.

Na sua entrevista Olivia desabafa todos os anos difíceis que passaram todos do partido. Se pudesse, por causa da idade, continuaria na luta pela democracia, pela paz que não se cansa de dizer. Para ela a paz só se alcança pela democracia, pela discussão coletiva

das questões fundamentais e a determinação de resoluções que envolvam todos dos membros do partido.

A própria vida social, cada vez mais complexa e diferenciada, impõe a direção coletiva. A magnitude dos problemas sócio-políticos, a estrutura das questões que o desenvolvimento histórico apresenta, a diversidade das variáveis concorrentes nas conjunturas políticas – tudo isto requer um grande esforço em conscientizar-se do papel político que cada um deve ter e que sempre Olivia teve em relação a reflexão sobre o partido.

Para ela o movimento comunista continua vivendo uma intensa luta ideológica, e o combate se desenvolve em duas frentes: de um lado, as tendências esquerdistas, que combinam elementos oriundos das posições defendidas até recentemente pelo Partido Comunista, com revivescências ao anarquismo e com novas manifestações de aparência libertária; de outro, as tendências direitistas, que se alimentam de uma mescla de liberalismo e socialismo evolucionista e desenharam um processo de social-democratização para o movimento operário revolucionário.

Para Olivia a idéia de uma construção de uma sociedade igualitária se tornou um instrumento de ação política e é por isso, que ela se engajou no movimento, para o surgimento de vários projetos de transformação da sociedade e que para ela sem dúvida valeram a pena.

Assim, a luta pela libertação das mulheres, adquire um alto conteúdo revolucionário, porque delineia a necessidade de mudanças no conjunto da sociedade, que compreendem não somente o campo econômico como também o ideológico e o político-jurídico. Neste sentido, a discussão da questão da mulher adquire especial importância, porque permite definir o projeto de sociedade, não só no que se refere às relações de produção, mas também no que diz respeito às novas relações sociais.

Sua grande alegria dentro do partido era saber o quanto os comunistas concebem a revolução socialista como produto da luta do proletariado e como resultado das lutas de vários setores e categorias sociais, entre eles as mulheres. Da organização do movimento

pelas mulheres, ligado ao movimento operário, capaz de exercer no plano político uma grande influência, e que tenha a força suficiente para impulsionar as mudanças.

A importância do avanço na organização das mulheres e a luta para que haja unidade de ação entre os diversos grupamentos femininos, os partidos, sindicatos, associações, bem como nas diversas batalhas a serem empreendidas, abrem caminhos à renovação dos costumes e a conquistas profundas.

Do mesmo modo, é necessário combater, as relações de elementos de discriminação e subordinação. Tais relações devem ceder espaço a uma participação das mulheres, de forma que a cooperação, o companheirismo e a solidariedade sejam os princípios sobre os quais se apoiem as relações entre os comunistas.

As militantes comunistas, assim como Olívia Calabria, devem ser conscientes de sua condição de mulher e da especificidade de sua opressão, e de que as batalhas pela libertação requerem formas de lutas particulares. As comunistas foram chamadas a uma militância múltipla, como comunistas e como mulheres. Porém, isso requer que os comunistas criem os instrumentos que impulsionem e auxiliem em todos os escalões o desenvolvimento do trabalho feminino: as comissões de trabalho entre as mulheres, as quais devem contribuir para uma elaboração que objetive a atualização da política sobre essas questões, partindo do entendimento de que todos os comunistas, não só as mulheres devem ser responsáveis pelo seu desenvolvimento.

O partido comunista procurará reforçar a unidade das forças oposicionistas através do esclarecimento e da informação de amplas massas, a fim de que suas lutas pelas liberdades democráticas sejam as mais amplas e profundas. Assim como Olívia, todos os comunistas, defendem as liberdades democráticas porque sabem por experiências próprias, que o preço principal da ausência de democracia recai sempre sobre os ombros da classe operária. No seio da sociedade capitalista, a luta entre a tendência democrática e a tendência antidemocrática é constante.

“Mas nós comunistas”, diz Olívia: “sabemos também que a noção de democracia compreende todo o conjunto de direitos e liberdades fundamentais (de imprensa, de

reunião, de manifestação, de greve, assim como de organização de associações profissionais, políticas, etc). É certo que tais liberdades e direitos, mesmo nos países capitalistas onde foram conquistados pela luta dos trabalhadores, são incompletos e limitados pela desigualdade econômica. Mas também é certo que eles permitem à classe operária desenvolver de modo mais eficaz a luta em defesa dos seus interesses, entre os quais está a ampliação e o aprofundamento da própria democracia”.

Nada do que se refere à democracia é indiferente às massas trabalhadoras, e por conseguinte, aos comunistas. Por isso, Olívia diz: “devemos manter erguida a bandeira das liberdades democráticas, não só em nosso interesse, mas no interesse de todas as camadas do povo, de toda a sociedade brasileira”.

No caso de Uberlândia, o PCB propôs-se a atuar no cenário político local dos anos 40 e 50 como o partido-guia, à vanguarda dos operários e camponeses que, ancorados no marxismo-leninismo, atribuiu-se a missão de minar as estruturas sociais capitalistas e, junto aos trabalhadores urbanos e rurais, trabalhar pela construção da sociedade socialista. Para isso, os comunistas encamparam o programa da União Nacional e se propuseram a estabelecer políticas de alianças, a fim de resolver os problemas prementes da sociedade.

CAPÍTULO III – A ORGANIZAÇÃO FEMININA UBERLANDENSE

Sob o manto do comunismo e da luta contra a carestia e pela paz, palavras de ordem do PCB, a Organização Feminina de Uberlândia organizou-se em 1948, e, pelo menos até meados dos anos 50, as mulheres desta entidade, lideradas pelas comunistas, provocaram um certo mal-estar nas autoridades constituídas, promovendo reuniões, manifestos e congressos.

A Organização Feminina uberlandense constituía no seu grupo as seguintes mulheres: Noêmia e Irma Gouveia, Matildes Pereira César, Filhinha, Olívia Calábria e outras. A começar pelo ano de 1948, foram encontrados registros sobre o propósito da Organização Feminina de Uberlândia: a defesa dos interesses das mulheres e das crianças.

A Organização Feminina de Uberlândia defendia os interesses das mulheres e das crianças. Segundo Idalice Ribeiro Silva⁶⁵, a mulher brasileira já não era mais passiva e resignada, tampouco cruzava os braços face a miséria que invadia os seus lares:

Segundo esta, constou que “conforme os registros pesquisados, participaram da assembléia de fundação 24 mulheres, dentre as quais Olívia Calábria, Matilde Pereira, Amélia Mineiro, Ana Tomazeli, Zulmira S. Garcia, Haydée Calábria e Hilda Ferreira vereadora comunista de Araguari. Em seu discurso, Matilde Pereira declarou que a associação objetivava combater a carestia de vida, lutar pela paz e peça melhoria das condições de vida, em Uberlândia. Iniciativas e reivindicações como creches, berçários, escolas, ambulatórios e lactários, entre outras, forma suas bandeiras de luta.”⁶⁶

As fundadoras da organização não fariam constar de atas e estatutos os seus vínculos com o Partido Comunista Brasileiro, tampouco as suas afinidades com as bandeiras de luta do partido.

Hilda Ferreira esclareceu que os propósitos e diretrizes da Organização tinham a finalidade de lutar pelos interesses das mulheres, pelos seus direitos sociais, independentemente de suas crenças políticas e religiosas. Olívia Calábria também afirmou,

⁶⁵ Silva, Idalice Ribeiro. *Idem.* p. 382

⁶⁶ *Idem.* p. 382

em entrevista, que a entidade era composta por uma quantidade considerável de comunistas, mas seu objetivo não era a propagação da doutrina mas, a defesa dos direitos sociais das mulheres. Segundo Olívia Calábria, as comunistas tinham mais iniciativa, estudo e informações. Por isso, elas acabavam direcionando os discursos, ocupando a direção e liderando as atividades promovidas pela associação.”Segundo a comunista Irma Gouveia de Paiva Resende:

“No momento atual, a mulher sente-se corajosa na luta para a defesa de seus direitos, encorajando e auxiliando seu esposo nos momentos difíceis e lutando ombro a ombro para resolver os problemas do lar. Fazendo economias absurdas para não faltar o pão aos filhos, ela encara em si o verdadeiro baluarte da instituição da família, base fundamental para a existência da pátria.”⁶⁷

Concitando todas as mulheres de Uberlândia a se unirem contra a carestia da vida, a engrossarem as fileiras contra o aumento dos preços da banha, do arroz e do feijão e de outros gêneros, Irma Gouveia preconizou a formação de entidades empenhadas na aquisição de tais produtos a preços baixos, a exemplo dos comitês e associações fundados em 1946.

Com fins a expulsar a miséria dos lares operários, Irmã Gouveia propagava a necessidade de exigir das autoridades públicas o imediato o reajuste salarial para todos os trabalhadores.

Polemizando o caráter comunista ou não da Organização Feminina de Uberlândia, um impasse acerca da denominação da associação das mulheres surgiu, quando, visando a aquisição de subsídios, foi solicitada a declaração de sua utilidade pública à Câmara Municipal de Uberlândia, que negou parecer favorável. Conforme o processo, a entidade que fazia o requerimento era a Organização Feminina de Uberlândia e, no entanto, a que tinha estatutos registrados em cartório era a União Feminina de Uberlândia. Pelas denominações diferentes, isso levava a Comissão de Educação e Saúde a inferir que se tratava de duas organizações diferentes. Mas, nos esclarecimentos da diretoria, prevaleceu o

⁶⁷ As mulheres e a situação atual. *Voz do Povo*, Uberlândia, 07 de fevereiro de 1948, nº 16.

nome Organização Feminina de Uberlândia, sugerido por Olivia Calábria na ocasião da fundação.

Pelas atas da associação feminina, pode-se observar que, inicialmente, foi instituída uma diretoria e uma denominação provisórias com a finalidade de consolidar o processo de organização da entidade:

“Após a eleição da diretoria, Olivia Calábria pediu a palavra falando sobre os trabalhos já realizados. Falou sobre a mensagem da Paz que o Instituto Feminino de Serviços Construtivos – Sociedade Feminina do Rio de Janeiro que tem como presidente a será. Alice Tibiriçá Toledo – enviou à União Feminina de Uberlândia para colher assinaturas e cujas Mensagens (assinadas por 259 mulheres) foram enciadas à ONU. Falou também sobre a Convenção, a qual deve ser um trabalho amplo de todas as mulheres e falou sobre o jornal “Momento Feminino” mostrando o valor desse jornal para todas as mulheres. Ao terminar, propôs um nome para a Associação, sendo o mesmo aprovado pela Assembléia. É o seguinte: ORGANIZAÇÃO FEMININA DE UBERLÂNDIA.”⁶⁸

Os acontecimentos de 1949 e 1951 estiveram ligados à Organização Feminina de Uberlândia, fundada em 1948. Ao que tudo indica uma parte razoável de mulheres engajadas no PCB local estava filiada à Organização. A quase totalidade da documentação pertencida a Olivia Calábria fora destruída nas inúmeras batidas policiais à sua sede, apesar de não constar formalmente nenhum vínculo da Organização com o Partido, conforme depoimentos de Noêmia Gouveia e Olivia Calábria. Pouca coisa restou para que pudéssemos analisar a importância dessa entidade no contexto da política local.

Pelos relatos feitos por Olivia Calábria sobre a Organização Feminina Uberlandense, foi possível afirmar que a mesma foi duramente policiada e castigada pelas constantes invasões em sua sede. Até mesmo o Legislativo recusou-se a reconhecê-la como de Utilidade Pública.

⁶⁸ Cartório do 1º Ofício. Estatutos da Organização Feminina de Uberlândia. Uberlândia, Minas Gerais (Grifos do Original).

A polícia justificava a sua perseguição à Organização Feminina vinculando-a a um setor do extinto PCB. Tal vinculação foi confirmada em seu depoimento de Noêmia Gouveia, integrante da referida Organização e militante nos primeiros anos de vida do Partido Comunista em Uberlândia. Como linha de frente da Organização Feminina, atuaram Noêmia Gouveia, Olivia Calábria, Irma Gouveia e Amélia Mineiro, todas pertencentes aos quadros do PCB e engajadas em suas diversas “células”, quando da sua fundação em Uberlândia.

Quer pelos depoimentos recolhidos, quer pelo escasso material examinado, foi possível perceber que havia uma preocupação em se noticiar tudo o que dizia respeito à situação da mulher e aos mais diversificados problemas do país.

A Organização recebia regularmente o Jornal “O Momento Feminino”, publicado na capital federal.

Destruidos os arquivos da Organização, restaram somente os depoimentos daquelas que estão vivas, para constatar o dinamismo e o entusiasmo com que, por quase uma década, conseguiram sustentar aquela entidade.

Tendo como objetivo maior, de acordo com o seu Estatuto, lutar pelos direitos da mulher e da criança, através da instalação de creches, ambulatórios e lactários, o fato é que se engajara em diversas frentes políticas, como a luta contra a carestia, contra o fascismo, o integralismo e a Guerra da Coréia.

Para Olivia Calábria assim definia as finalidades básicas da entidade:

- 1) unir e organizar as mulheres desta cidade na luta por seus direitos sociais e econômicos;
- 2) lutar contra a carestia de vida e contra o analfabetismo, procurando por todas as formas facilitar a vida da mulher em seu lar;
- 3) organizar e manter cursos de corte e costura, cursos de alfabetização, assim como uma biblioteca para as sócias e seus filhos;

- 4) promover palestras e conferências educativas com a finalidade instruir as mães, e donas-de-casa com noções de higiene infantil, educação moral e cívica, puericultura, economia, visando dar à mulher uma orientação segura como cidadã e mãe de família;
- 5) promover assistência médico-dentária às sócias e seus filhos;
- 6) manter um departamento recreativo que organize festas, bailes, etc para as jovens, com finalidade de proporcionar divertimento sadio e moralizado às moças que forem sócias ou filhas de sócias.

Segundo Olivia Calábria a Federação de Mulheres do Estado de São Paulo e à União Feminina de Minas Gerais com sede em Belo Horizonte, a Organização Feminina de Uberlândia veiculou, através de boletins, várias informações sobre a política nacional e congressos organizados por federações e entidades feministas que eram repassadas à população uberlandense.

Em outubro de 1953, fora patrocinada a ida de Noêmia Gouveia, representante do Triângulo Mineiro, à Segunda Assembléia Nacional de Mulheres, na cidade Porto Alegre. Eleita como delegada da Organização, Noêmia apresentou as seguintes teses:

“Direitos civis iguais aos dos homens; salário igual para trabalho igual; mais escolas rurais e municipais; creches; aumento das verbas sociais; assistência às parturientes no posto de puericultura e aumento do leite para as crianças; melhor assistência na Santa Casa Policlínica e na Cadeia Pública; financiamento para o Armazém Popular; tabelamento nos preços; entendimento ente os povos para a paz mundial”⁶⁹

Em entrevista a Noêmia Gouveia, a mesma relata que em uma das várias interdições policiais à sua sede e, encontrando resistência por parte das pessoas que ali estava, a polícia começou a atirar, tendo um estilhaço de bala se alojado em sua perna. Seu depoimento soou como um desabafo.

⁶⁹ Associação Nacional de Mulheres. *Correio de Uberlândia*, 13/10/1953 nr. 3769.

Nascida em Caetés, Belo Horizonte, aos 5 de junho de 1916, Irmã veio para Uberlândia aos dois anos de idade. Engajou na política, quando se casou com o sapateiro e comunista João de Paiva Resende. Ao entrar para a Organização Feminina, dedicou-se à construção da primeira creche em Uberlândia e à montagem de um curso de corte e costura e alfabetização para crianças carentes. Tanto a creche quanto os cursos e a sede da Organização, eram mantidos através de doações e contribuições em dinheiros, feitas pelas associadas.

Em sua entrevista Olívia relata que a Organização não se omitia sob nenhum aspecto relevante à sociedade uberlandense: “Aí nós lutávamos por todo sentido. Para aquelas que quisesse trabalhar por exemplo costura, né? Era uma coisa que ia redundar em economia porque ela ia poder fazer o vestido dela, ia poder fazer o vestido para pessoas da casa, então, já era uma economia. É uma luta contra a carestia de vida indireta, não é? E sobre o problema social, assim, a gente fazia muita palestra, chamava advogados pra falar sobre os direitos da mulher. Tem até fotografia com advogado falando. E assim, nós fazíamos muita solidariedade também. Por exemplo, quando tinha greve dos choferes. Tinha muitas mulheres dos choferes, parece que até eu já falei isso, né? Então quando eles fizeram a greve, foi uma greve histórica, maravilhosa, que houve naquela época, e nós da União Feminina não só levava solidariedade amiga de estar lá presente, ver o que eles estavam precisando, como também levava paneladas enormes, tacho de comida. Nós saíamos no comércio e conseguíamos fardos de carne seca, latas de banha. O povo era tão... precisava ver a facilidade que a gente tinha pra conseguir as coisas, mas tudo era um formigueiro trabalhando. As mulheres, os maridos. Quando tinha um movimento assim como foi a greve de chofer, né foi coisa viva. Tanto que quando terminou a greve, nós fizemos uma passeata, quer dizer, eles fizeram, né, e nós fomos juntos. Então o transito em Uberlândia ficou interrompido de tanta condução dando a vitória aos grevistas que era o problema da... do pedágio, né? E os choferes então a sociedade dos choferes fizeram essa greve pra acabar com aquilo, porque aquilo... resto ainda de feudalismo, e aqui no Brasil, ainda tem. Eu conheço um lugar, não sei se já acabou agora. Já tem mais de 20 anos que eu estive lá, então a ponte do rio tem uma porteira. Então o carro chega, vai lá, paga pedágio, abre a porteira, o carro passa. Isso é do tempo do feudalismo. Nós já estamos no fim do capitalismo e esses resíduos ainda existem. Então, aqui, essa greve foi vitoriosa por isso,

porque ela teve um fator político muito importante. Então, quer dizer que a organização das mulheres fazendo esse trabalho de solidariedade, ela saiu um pouco daquele ambiente de casa, não é? Era um movimento mais amplo, mais social, e vinha mulher da vila Operária, da vila Saraiva, de todo lado pra ir lá. Ficava aquele mundo de mulher com a sombrinha aberta, porque o sol muito quente, ficava até bonito. Eu tenho a impressão que o João Cândido deve Ter fotografia disso.”⁷⁰

Na entrevista dada por Olívia Calábria, a participação da mulher uberlandense através da Organização Feminina e todos os aspectos que Olívia coloca, fica bem evidente a participação atuante da mulher. A primeira vereadora mulher aqui em Uberlândia segundo Olívia Calábria foi a Dirce Ribeiro, já falecida.

Em entrevista a Matildes onde viveu anos de luta, perseverança e dedicação, foi relatada por sua família, que vinda de uma família na qual a política era discutida diariamente à mesa, tendo no pai um exemplo de fidelidade partidária – pertencia ao PTB e ali militou até a sua morte – e, nos tios filiados ao PCB, presos no final da década de 40, Matildes, conviveu, anos a fio, com acaloradas discussões partidárias em sua casa.

Nascida em 02 de fevereiro de 1922, em Monte Alegre de Minas, Matildes chegou a Uberlândia no ano de 1938. Ingressou na política ao final de II Guerra Mundial. Compartilhou das discussões com os companheiros da cúpula intelectual do partido em Uberlândia: o médico Virgílio Mineiro; Roberto Margonari e outros.

A família de Matildes rememorou com angústia, a dor dela ver companheiros presos. A família contou que Matildes não contou aos filhos o que acontecia nem porque militava, só foram descobrir anos e anos depois, quando mudaram da casa onde nasceram. Ela fez um alçapão com fundo falso no banheiro para guardar documentos da organização feminina, e contou a eles que tinha medo da polícia pegarem-nos, preferiu esconder o que fazia.

O fato é que, em torno de si, conseguiu articular inúmeras mulheres dos segmentos mais pobres da sociedade. Criou uma creche, a primeira de Uberlândia, promoveu cursos de

⁷⁰ Entrevista dada a autora em outubro de 2003.

alfabetização em duas vilas da cidade – na Vila Saraiva e no Bairro Operário – e, manteve por anos, uma escola profissionalizante de bordado, corte e costura, cujas aulas eram ministradas por Maria das Dores, carinhosamente chamada de Filhinha.

Mantinha reuniões quinzenais em sua sede para discutir os mais diversos temas da política nacional, sob a coordenação de Olívia Calábria, Irmã Gouveia e outros integrantes do PCB. Especificamente sobre o papel da mulher na sociedade vários panfletos e boletins eram distribuídos pela Organização, repassados através das federações e associações de mulheres existentes em todos o país. Resoluções de congressos feministas, convites para seminários e simpósios, denúncias contra prisão de mulheres eram freqüentemente divulgados.

Ao nível do poder local, inúmeras reivindicações foram enviadas ao Legislativo: a criação de armazéns de emergência e de uma comissão municipal de tabelamento e fiscalização de preços; o combate ao câmbio negro, à carestia de vida; a luta em favor da paz e das instituições democráticas.

Sem medo de lutar, Olívia Calábria junto com outras mulheres, em várias ocasiões, postaram-se frente ao Executivo e Legislativo Municipais, gritando palavras de ordens. Ocuparam algumas vezes o plenário da Câmara vaiando ou aplaudindo as pautas que eram colocadas. Em passeatas, pararam o trânsito das principais avenidas da cidade, deixando perplexos os que assistiam ao movimento. Em locais estratégicos, fizeram palestras e comícios, denunciando a política governamental e exigindo medidas satisfatórias em todos os níveis. Destruídos os arquivos da Organização, poucos documentos restaram para perfilar a sua História. Sem a História de Olívia Calábria teria sido impossível recompor a análise que elaborei sobre a temática mulher e política.

Em julho de 1951 a política local, com o impedimento pela polícia da realização do Congresso Feminino de Uberlândia, este, patrocinado pela Organização Feminina Uberlandense, tinha como objetivo discutir medidas práticas contra a carestia e a ameaça de guerra. Visava ainda, propor encaminhamentos para enfrentar os problemas que martirizavam profundamente as mães e as donas-de-casas. Para impedir o evento, a polícia montou um patrulhamento nas principais ruas da cidade e a chegada de um contingente

armado de fuzis e metralhadoras, agravou ainda mais a situação. O confronto entre os participantes do Congresso e a polícia foi inevitável. Pessoas foram feridas, algumas gravemente, sendo efetivadas inúmeras prisões, dentre as quais, líderes comunistas locais. Os presos em número de oito, incluindo Olivia Calábria e Lucila Soares Rosa, foram enviadas para Uberaba. Sobre os acontecimentos, a imprensa local veiculou várias versões:

“Enquanto as mulheres gritavam nervosamente a comando de Olivia Calábria, uma balzaqueana que procura substituir a ausência de um marido pelas lutas políticas...

Dezenas de mulheres tomavam o rumo da Delegacia de Polícia... Olivia Calábria, a mais exaltada do grupo dirigiu pesados insultos aos responsáveis pelo policiamento.”⁷¹

As arbitrariedades policiais excederam os limites propostos pela manifestação, uma vez que a repressão aos integrantes do Partido Comunista na cidade era fato notório e de conhecimento público. Em seu depoimento Olivia Calábria relembrou que essas mulheres, trabalhadoras ou simples donas-de-casas, empreenderam campanhas em prol da educação, da criação de salões de corte e costura e, contra a carestia. Organizaram-se em associações de bairros e comitês populares para exigirem do poder público, luz, água e calçamento extensivos à periferia da cidade.

O referido órgão comunista de Uberlândia repudiou o impedimento do Congresso que, em 22 de julho de 1951, se encontrava instalado na cidade, contando com a presença de mulheres comunistas e não comunistas procedentes de várias cidade circunvizinhas – Uberaba, Araguari, Monte Alegre de Minas, Canápolis. Afirmou também que as autoridades locais haviam sido convidadas a participara dos debates propostos, mas compareceram ao evento apenas os representantes realmente interessados em resolver os problemas sociais, como as delegadas das organizações femininas, os populares e o vereador comunista Roberto Margonari, que teve sua imunidade parlamentar desrespeitada e foi preso, por defender o direito de reunião e sua liberdade individual.

⁷¹ *Estado de Minas Gerais*, 26/07/1951 nr. 9692.

Indignadas, as mulheres que intentaram participar do Congresso encamparam a luta pela libertação dos comunistas presos. Conforme o Estado de Minas, elas marcharam, "em grupos de duas, militarmente armadas, iniciaram um desfile pelas principais ruas da cidade, gritando histericamente: "Luiz Carlos Prestes. Viva a Paz. A paz da guerra da Coréia."⁷² Inicialmente, dirigiram-se à residência do prefeito Tubal Vilela que, conforme o jornal, não lhes deu a mínima atenção:

"Enquanto as mulhres gritavam nervosamente sob o comando de Olívia Calábria, uma balzaquiana que procura substituir a ausência de um marido pelas lutas políticas, os demais militantes mimeografaram boletins aos seguintes termos: "Povo de Uberlândia. Por defender nossos direitos acaba de ser preso Roberto Margonari. Marchemos para libertá-lo. Todos em frente à delegacia às 19 horas. Todos em luta pela paz. Abaixo a guerra, viva a paz!"⁷³

No dia seguinte, porém, as mulheres não titubearam: partiram para a luta. Mas junto com a coragem das combatentes da paz. Aportaram na cidade os reforços policiais vindos de Belo Horizonte e Uberaba. Olívia Calábria, mediante a situação, comandou as mulheres até a residência do prefeito, a fim de obter o seu apoio não somente para restabelecer a liberdade dos presos e evitar a intolerância policial, mas também para liberar os objetos que haviam sido apreendidos na sede do Congresso (sombrinhas, bolsas, etc.).

Segundo depoimento de Olívia Calábria uma bala entranhou na perna de Noêmia Gouveia, mas o jornal manteve-se ausente em relação a esse fato. Após o tiroteio, as mulheres e homens que compunham a manifestação se retiraram do cenário da luta. Reprimido o protesto, a polícia impôs a ordem na cidade que, nas palavras do jornal Estado de Minas, esteve "dois dias sob agitação comunista". Para assegurar a paz social, as autoridades policiais advertiram que não seria permitido o trânsito nas ruas de grupos de duas ou mais pessoas e, menos ainda, a permanência deles em locais suspeitos. Tal advertência, nos dizeres da polícia, não era dirigida ao povo de Uberlândia, mas aos "traidores comunistas".

⁷² Uberlândia esteve dois dias sob agitação comunista – Grupos de homens e mulheres tentaram dominar a cidade. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 26 de julho de 1951, ano 24 nr. 9692.

⁷³ Idem. *Estado de Minas*. Ano 24 nr. 9692.

Olívia Calábria e Lucília Soares Rosa, ex-vereadora comunista de Campo Florido, foram presas e após a soltura de Olívia Calábria e Roberto Margonari, os comunistas intentaram, em 13 de agosto de 1951, promover um comício de protesto pela paz, contra a carestia e as arbitrariedades dos policiais, que dissolveram o congresso feminino e prenderam uma parte das suas delegações.

Contudo, apesar dos embates com os policiais, as mulheres não esmoreceram em suas lutas.

Não obstante a alcunha comunista, e o estorvo dos políticos e policiais locais, a Organização Feminina de Uberlândia tentou pressionar os poderes públicos para a resolução dos mais prementes problemas enfrentados principalmente pelos segmentos sociais pobres dessa cidade. Melhorias infra-estruturais nos bairros periféricos da cidade como água, energia elétrica, abertura e conservação de ruas, praças e pontes, transportes, ampliação das agências de correios, telefones públicos, escolas, ambulatórios médicos e odontológicos, creches, armazéns de emergência, feiras livres e tantas outras solicitações, plasmaram a pauta de reivindicações do movimento das mulheres uberlandenses.

Como disse Olívia Calábria, tudo isso não vem da noite para o dia. As lutas por melhorias das condições de vida e trabalho, nessa cidade, constituíram-se em ganhos históricos - "demora mas vem". Basta rememorar o passado e olhar o presente.

Reivindicações de associações e sindicatos, como as da Organização Feminina de Uberlândia, estão concretizadas "aí por todo lado", finaliza Olívia Calábria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi resgatado neste trabalho, o percurso das mulheres na história municipal, tanto na vida doméstica, quanto na política institucional e na vida pública – sendo ilustrado ao longo da obra os seus caracteres sociais, políticos, ideológicos e psicológicos – formando-se, assim, um contexto indiviso e único para a compreensão da reação paulatina desencadeada em desfavor da sua condição de submissão aos homens.

Nesta esteira de pensamento, atuando na desconstrução do tipo passivo engendrado pelo sistema, até então completamente sob o domínio da figura masculina, vislumbramos a atuação de uma mulher militante chamada Olívia Calábria, seu engajamento no Partido Comunista e sua luta pela melhoria do povo Uberlandense.

Trafegando ora pelo comunismo, ora pela Organização Feminina de Uberlândia, foi reconstituída parte das experiências de Olívia Calábria, buscando apreender seus momentos de luta; sua maneira de ver a realidade social e de intervir no mundo em que vivia, a fim de promover as mudanças possíveis, e até as consideradas impossíveis. Desse modo, foi recomposto, neste trabalho, tanto o comunismo vivido por Olívia Calábria e pelos seus adeptos, quanto a Organização Feminina, registrado na imprensa desde a década de 30, que sob, diferentes recursos discursivos, permaneceu ao longo da história, ainda em nossos dias.

Dessa maneira, ao estabelecer-se mediação entre Olívia Calábria, comunismo e Organização Feminina podemos levantar o quanto a militância de Olívia Calábria ajudou os menos favorecidos na cidade de Uberlândia e sua luta por uma vida melhor tendo sido, além do mais, reconstituído parte das experiências de mulheres como Matildes Pereira e Noemia Gouveia dentro da Organização Feminina.

Podemos constatar a ousadia dessa mulher Olívia Calábria, quando desafiou as normas sociais e padrões vigentes, como foi descrito no capítulo II.

Ela abriu espaço para outras mulheres, lutou contra preconceitos os mais diversos e desafiou a ordem moral e religiosa, que teimava em naturalizar o espaço feminino no lar e na imagem de esposa-mãe.

Pisara nos palcos das apresentações públicas e subiu aos palanques em comícios em prol da justiça social e por melhores condições de vida; enfrentou a polícia em passeatas pelas principais vias públicas entoando frases de ordem; respondeu a inquéritos policiais e foi chamada de subversiva por protestar contra a alta de preços, a falta de escolas e creches para os filhos de outras mulheres; contribuiu, enfim para mudar a mentalidade da sociedade uberlandense no sentido de demonstrar que mulher também pode fazer parte do mundo da política.

Destarte, procurei mostrar a participação de um modo geral sobre Olívia Calábria a participação feminina dentro da Organização Feminina apesar de ter sido ns quadros do Partido Comunista a sua maior participação e atuação.

Revelei a saga que envolve a relação da mulher com a militância e fui cúmplice do universo e desejos de sentimentos mais profundos e, acredito, ter conseguido dar vida a uma mulher que se encontrava encoberta pelo tênue véu da memória...

Esta pesquisa evidencia as realizações das mulheres anônimas que encontraram em uma mulher chamada Olívia Calábria as suas manifestações concretas a despeito de uma cidade que tem o motor de seu desenvolvimento e progresso, chamada Uberlândia. Recuperou os espaços da luta feminina, espaços esses em branco, e às vezes estereotipados na historiografia oficial da sociedade uberlandense. Foi necessário escutar os imensos vazios dos documentos e as privações das fontes. Requeru ainda, uma leitura singular e diferenciada das noções que mediatizaram os fazeres de mulheres na militância.

Sob esta ótica dos acontecimentos e de experiências vividas localmente que localizei uma História na qual as mulheres construíram o seu cotidiano e as práticas sociais enquanto fatos históricos.

Enfim, fora buscando, no silêncio da história oficial, o fazer de Olívia Calábria e de suas companheiras que reconstituímos uma História de gestos, murmúrios e confissões. O

discurso da sociedade daquela época e da imprensa também foram importantes para resgatar a história de uma mulher que dedicou toda a sua vida à política.

É, por assim dizer, que Olívia Calábria, ora lutando dentro do PCB, ora atuando por intermédio da Organização Feminina, conquistou mudanças sociais amplas mesmo mediante reivindicações, ainda que de caráter imediatista, relativas à melhoria da vida da população local.

Em que pese às lacunas, Olívia Calábria, deixa marcas indeléveis na história de Uberlândia ao contribuir para as modificações necessárias dos padrões de conduta que não mais se adequavam à sua época de militância.

ANEXO

PROJETO DEPOIMENTOS
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE UBERLÂNDIA
ENTREVISTA DE OLÍVIA CALÁBRIA
- 19 DE JANEIRO DE 1990 -

FONTES

- Acervo da Biblioteca Federal de Uberlândia
- Acervo da Biblioteca da UNITRI
- Acervo Olívia Calábria
- Arquivo Público Municipal: Hemeroteca e Fundo, Câmara Municipal de Uberlândia
- Cartório do 1º Ofício de Títulos e Documentos da Comarca de Uberlândia
- Entrevista realizada por esta autora com Olívia Calábria
- Projeto Depoimentos, Olívia Calábria
- Secretaria da Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia
- Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo da Prefeitura Municipal de Uberlândia
- Revistas e Jornais de circulação nacional

BIBLIOGRAFIA

- A escola profissional e a mulher. *O Estado de Goiaz*, 27/07/1936 nr. 676.
- A mulher na política. *Correio de Uberlândia*, 10/06/1954, no 3946.
- As mulheres e a situação atual. *Voz do Povo*, Uberlândia, 07 de fevereiro de 1948, nr. 16.
- Agitação comunista. *Correio de Uberlândia*, 06/02/1951, no 3088.
- Aparecida Cardoso. *O Estado de Goiaz*, Uberlândia, 22/08/1945, ano 13, nº 1094.
- ASSIS, Ruth de. É provável: 50% do eleitorado uberlandense é feminino. *Correio de Uberlândia*, 04/09/1958, no 5717.
- Associação Nacional de Mulheres. *Correio de Uberlândia*, 13/10/1953 nr. 3769.
- BARDWICK, Judith Márcia. *Mulher, sociedade, transição: como o feminismo, a liberação sexual e a procura da auto-realização alteraram as nossas vidas*. São Paulo: Difel, 1981.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- CARDOSO, Irede. *Os tempos dramáticos da mulher brasileira*. São Paulo: Global, 1981.
- CARONE, Edgard. *O PCB (1922-1943)*. São Paulo: Difel, 1982, V. I.
- _____. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982, V. II.
- _____. *O PCB (1964-1982)*. São Paulo: Difel, 1982 V. III.
- CASTRO, Adauto de Souza, CROCHÍQUIA, Edson. *ABC do Direito Romano*, São Paulo: Sugestões Literárias, 1969.
- CÉSAR, Clovis. A mulher. *Correio de Uberlândia*, 11/04/1959, no 3640.
- Construções, *A Notícia*, 23/06/1918, nr. 04.
- CHILCOTE, Ronald. *Partido comunista brasileiro: conflito e integração – 1922-1972*. trad. Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- Correio de Uberlândia*, 12/05/1947, nr. 2151.
- _____, 15/10/1947, nr. 2256.
- _____, 07/08/1949, nr. 2710.
- DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1998.
- FRENCH, Marilyn. *A guerra contra as mulheres*. São Paulo: Best-Seller, 1992.
- FREUD, Sigmund. *O mal estar da civilização*. Rio de Janeiro, Imago, 1997.
- GARCIA, Marco Aurélio. *Contribuições para uma história da esquerda brasileira*. In:

MORAES, Reginaldo Antunes, Ricardo, FERRANTE, Vera B. (Org.). *Inteligência Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GRANDE aparato policial e bélico para impedir reuniões pacíficas. *Correio de Uberlândia*, 07/08/1949, no 2710.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas. 1850/1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MILES, Rosalind. *A história do mundo pela mulher*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1988.

MORAES, Maria Lygia. *Quartim de. Marxismo e feminismo no brasil – (Primeira Versão – 66)*. IFCH/UNICAMP, 1996.

MURADO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

Não devemos promover desordens. *Jornal Mocidade Livre*, set/1946 nr. 06.

O cronista da mulher. *A Tribuna*, 22/03/1931, nr. 541.

O Estado de Goyaz, 10/06/1945, no 1072

_____, 22/08/1945, no 1094.

O Estado de Minas Gerais, 26/07/1951, nr. 9692.

O fechamento do PCB. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 10/05/1947, ano 10, nº 2.150.

O feminismo em marcha. *Diário de Uberlândia*, 27/05/1936, no 53.

O momento político. *Diário de Uberlândia*, 07/07/1936, no 15.

O Repórter, 15/12/1945, nr. 838.

PACHECO, Eliézer. *Partido comunista brasileiro*. São Paulo: Alfa-Omega, 1984.

PAES, Lycídio. Uma deputada gaúcha. *A Tribuna*, 24/07/1934, no 914.

_____. Sugestões Políticas. *Correio de Uberlândia*, 06/03/1958, no 5643.

PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB: (Partido Comunista Brasileiro) – 1922-1928*. Lisboa: Prelo Editora, 1976.

PINHEIRO, Paulo Sérgio de M. S. *Política e trabalho no Brasil: dos anos vinte a 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Providências inexplicáveis. A polícia proíbe os festejos dos trabalhadores, *Correio de Uberlândia*, 04/05/1946, nr. 1905.

RIBEIRO, Maria Dirce. *Correio de Uberlândia*, 05/05/1954, no 3922.

- SCOTT, Joan. *História das mulheres*. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- SEGATTO, José Antonio. *Breve história do PCB*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- Senhora políticas. *A Tribuna*, 09/04/1933, nr. 679.
- SILVA, Idalice Ribeiro. *Flores do mal na cidade jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia*. (Dissertação de Mestrado) – 1945/1954. Campinas/SP, 2000.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Contribuição à história do PCB*. São Paulo: Global, 1984.
- TABAK, F., TOSCANO, M. *Mulher e Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- Uberlândia esteve dois dias sob agitação comunista – Grupos de homens e mulheres tentaram dominar a cidade. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 de julho de 1951, ano 24 nr. 9692.
- Uberlândia: altas autoridades da polícia política. *Correio de Uberlândia*, 22/04/1951, nr. 3140.